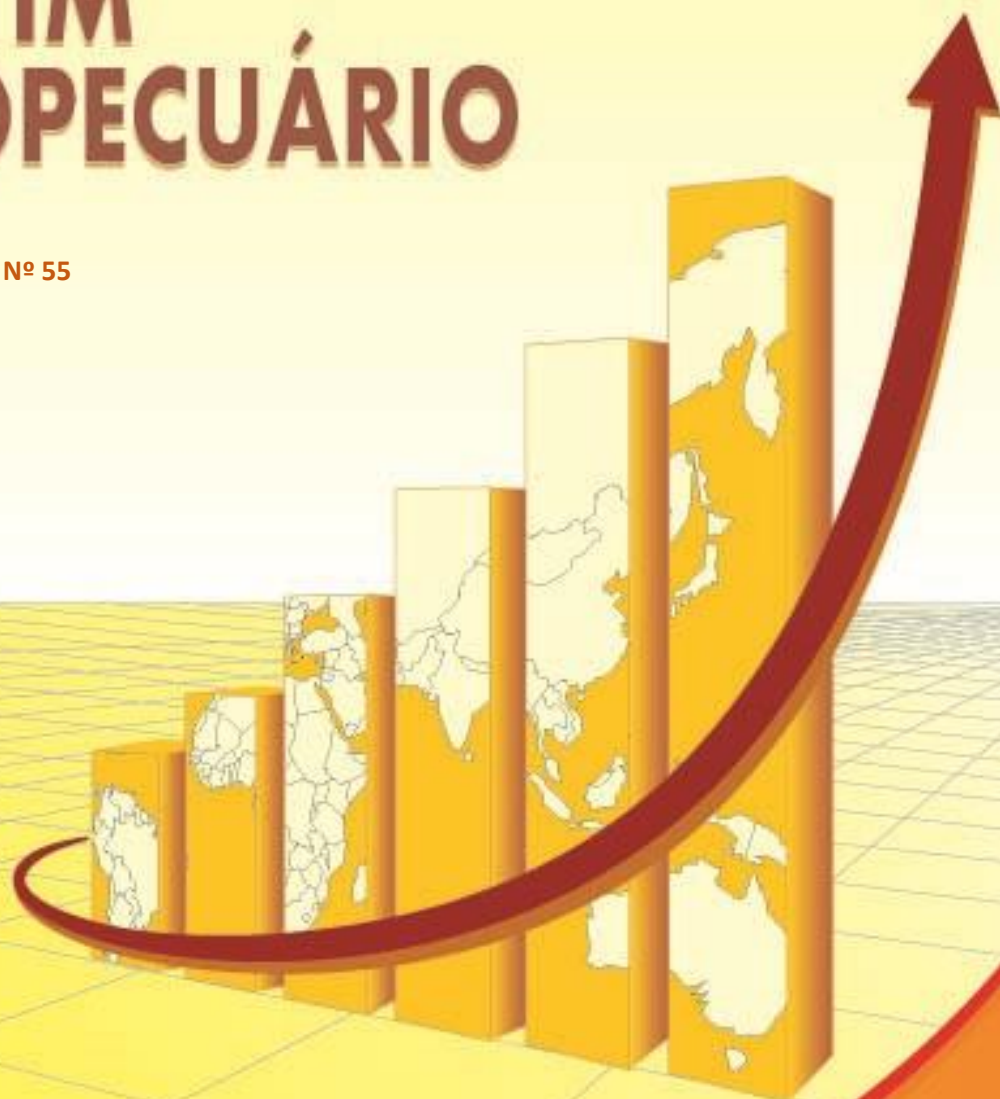


# BOLETIM AGROPECUÁRIO

Dezembro/2017 – Nº 55



Empresa de Pesquisa Agropecuária  
e Extensão Rural de Santa Catarina

**CEPA**

Centro de Socioeconomia  
e Planejamento Agrícola



**GOVERNO  
DE SANTA  
CATARINA**

Secretaria da Agricultura  
e da Pesca



**Governador do Estado**  
João Raimundo Colombo

**Vice-Governador do Estado**  
Eduardo Pinho Moreira

**Secretário de Estado da Agricultura e da Pesca**  
Moacir Sopelsa

**Presidente da Epagri**  
Luiz Ademir Hessmann

**Diretores**

Ivan Luiz Zilli Bacic  
Desenvolvimento Institucional

Giovani Canola Teixeira  
Administração e Finanças

Luiz Antônio Palladini  
Ciência, Tecnologia e Inovação

Paulo Roberto Lisboa Arruda  
Extensão Rural

**Gerente do Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa)**  
Reney Dorow



# Boletim Agropecuário

## **Autores desta edição**

Alexandre Luís Giehl  
João Rogério Alves  
Jurandi Teodoro Gugel  
Haroldo Tavares Elias  
Luis Augusto Araujo  
Rogério Goulart Junior  
Tabajara Marcondes



Florianópolis

2017

**Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri)**

Rodovia Admar Gonzaga, 1347, Itacorubi, Caixa Postal 502

88034-901 Florianópolis, SC, Brasil

Fone: (48) 3665-5000

Site: [www.epagri.sc.gov.br](http://www.epagri.sc.gov.br)

E-mail: [epagri@epagri.sc.gov.br](mailto:epagri@epagri.sc.gov.br)

**Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa)**

Rodovia Admar Gonzaga, 1486, Itacorubi

88034-901 Florianópolis, SC, Brasil

Fone: (48) 3665-5078

Site: <http://cepa.epagri.sc.gov.br/>

E-mail: [online@epagri.sc.gov.br](mailto:online@epagri.sc.gov.br)

**Coordenação**

Tabajara Marcondes – Epagri/Cepa

**Elaboração**

Alexandre Luís Giehl – Epagri/Cepa

Enilto de Oliveira Neubert – Epagri/DPI

João Rogério Alves – Epagri/Cepa

Haroldo Tavares Elias – Epagri/Cepa

Jurandi Teodoro Gugel – Epagri/Cepa

Luis Augusto Araujo – Epagri/Cepa

Rogério Goulart Junior – Epagri/Cepa

Tabajara Marcondes – Epagri/Cepa

**Colaboração:**

Cleverson Buratto – Tubarão (UGT 8)

Édila Gonçalves Botelho – Epagri/Cepa

Evandro Uberdan Anater – Joaçaba (UGT 2)

Getúlio Tadeu Tonet – Canoinhas (UGT 4)

Gilberto Luiz Curti – Chapecó (UGT 1)

Janice Waintuch Reiter – Epagri/Cepa

João Claudio Zanatta – Lages (UGT 3)

Marcia Mondardo – Epagri/Cepa

Mauricio E. Mafra – Ceasa/SC

Saturnino Claudino dos Santos – Rio do Sul (UGT 5)

Sidaura Lessa Graciosa – Epagri/Cepa

Elvys Taffarel – São Miguel do Oeste (UGT 9)

Wilian Ricce – Epagri/Ciram

**Editado pelo Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa)**

É permitida a reprodução parcial deste trabalho desde que citada a fonte.

## APRESENTAÇÃO

O Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa), unidade de pesquisa da Epagri, tem a satisfação de disponibilizar o Boletim Agropecuário on-line. Ele reúne, em um único documento, as informações conjunturais dos principais produtos agropecuários do estado de Santa Catarina. Anteriormente, a publicação era editada por produto.

O objetivo deste documento é apresentar de forma sucinta as principais informações conjunturais referentes ao desenvolvimento das safras, da produção e dos mercados para produtos selecionados. Para isso, o Boletim Agropecuário contém informações referentes à última quinzena ou aos últimos 30 dias. Em casos esporádicos a publicação poderá conter séries mais longas e análises de eventos específicos. Além das informações por produto, eventualmente poderão ser divulgados neste documento textos com análises conjunturais que se façam pertinentes e oportunas, chamando a atenção para aspectos não especificamente voltados ao mercado.

O Boletim Agropecuário pretende transformar-se em uma ferramenta capaz de auxiliar o produtor rural a vislumbrar melhores oportunidades de negócios. Visa, também, fortalecer sua relação com o mercado agropecuário por meio do aumento da competitividade da agricultura catarinense.

Esta publicação está disponível em arquivo eletrônico no site da Epagri/Cepa, <http://www.cepa.epagri.sc.gov.br//>. Podem ser resgatadas também as edições anteriores.

**Luiz Ademir Hessmann**

Presidente da Epagri

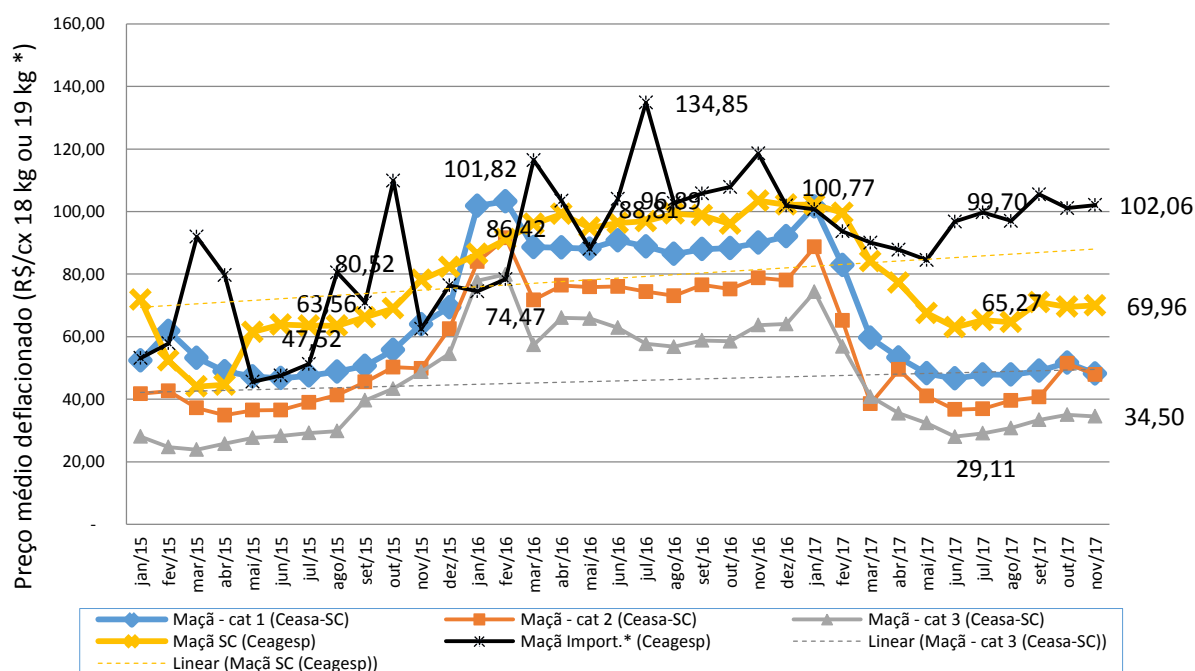
## Sumário

|                                |           |
|--------------------------------|-----------|
| <b>Fruticultura.....</b>       | <b>7</b>  |
| Maçã .....                     | 7         |
| <b>Grãos .....</b>             | <b>10</b> |
| Arroz .....                    | 10        |
| Feijão .....                   | 12        |
| Milho.....                     | 14        |
| Soja .....                     | 19        |
| Trigo.....                     | 23        |
| <b>Hortaliças .....</b>        | <b>25</b> |
| Alho.....                      | 25        |
| Cebola .....                   | 28        |
| <b>Produtos vegetais .....</b> | <b>32</b> |
| Fumo.....                      | 32        |
| <b>Pecuária.....</b>           | <b>34</b> |
| Avicultura.....                | 34        |
| Bovinocultura .....            | 39        |
| Suinocultura.....              | 44        |
| Leite .....                    | 51        |

## Fruticultura

### Maçã

Rogério Goulart Junior  
Economista, Dr. - Epagri/Cepa  
[rogeriojunior@epagri.sc.gov.br](mailto:rogeriojunior@epagri.sc.gov.br)



(\*) Cat. 1, 2 e 3 = classificação vegetal para maçã referente à Instrução Normativa n.5 de 2006 do MAPA.

Nota: preço deflacionado pelo IGP-DI (nov/17=100).

Fonte: Epagri/Cepa e Ceagesp.

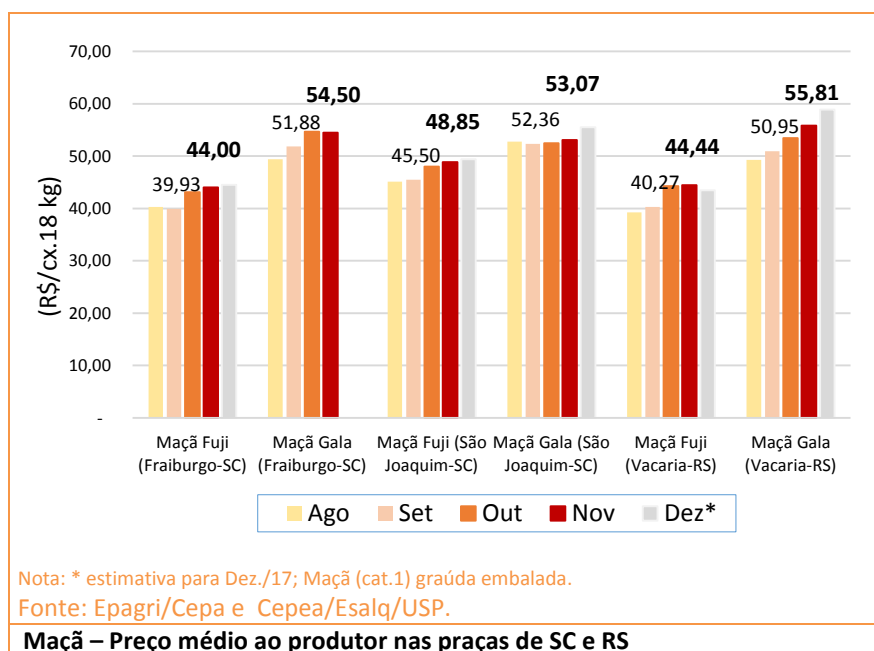
#### Maçã - Evolução do preço médio mensal no atacado

Entre julho e novembro de 2017, os preços deflacionados da maçã nas centrais catarinense e paulistana mantêm tendência de recuperação nas cotações de 30% para maçã cat.2 com influência da participação de maçã Gala e 19% para cat.3 com maior participação de maçãs Fuji. Já, entre outubro e novembro, na Ceasa/SC os preços da maçã estão desvalorizados em 7% para as categorias 1 e 2, com a fruta classificada como cat.2 representando 99% do valor da cat.1 e a cat.3 representando 72% do valor médio da cat.1 no entreposto. Com estoques da safra 2016/17 em torno de 30%, a estratégia é classificar e escoar a maçã Fuji de AC com redução das cotações para iniciar limpeza das câmaras frias para a próxima safra. As maçãs precoces começaram ser colhidas com previsão de serem comercializadas a partir de dezembro de 2017.

Na Ceagesp, em outubro de 2017, a maçã catarinense estava com cotação próxima a de 2015. Já, em novembro, a fruta estadual apresentou desvalorização de 10,5% sobre o preço praticado em 2015 e mais de 32% no mesmo mês do ano de 2016. Entre outubro e novembro a cotação da fruta, no entreposto paulistano, desvalorizou apenas 1%. Em novembro, a maçã importada está com o preço 63,3% maior que o valor negociado em 2015 e 14% menor que a cotação de 2016. Com o término do estoque da safra anterior de maçãs Gala e a redução dos de maçã Fuji, a estratégia para o início da colheita das frutas precoces é a de



antecipar a comercialização das maçãs frescas colhidas como forma de diminuir a influência nas cotações da maçã Gala que tem sua colheita iniciada a partir de janeiro de 2018.



Em Fraiburgo, houve valorização de 2,1% na cotação da maçã Fuji e desvalorização de 0,3% na maçã Gala, entre novembro e dezembro, com redução nos preços praticados nos meses anteriores devido a estratégia de escoar os estoques. Já está encerrado o estoque de maçã Gala da safra passada.

Em São Joaquim, o preço da maçã Fuji, mantém valorização nas cotações de 1,7%. As frutas em atmosfera controlada apresentam melhor qualidade o que elevou os preços no mercado. Com pomares de maçã Gala em frutificação desde novembro, algumas

intempéries aceleraram o raleio nas plantas. Para a maçã Fuji, a expectativa é de menor frutificação devido ao menor volume da florada. Em Vacaria, após maiores aumentos nas cotações nos meses anteriores, a maçã Fuji segue valorização de 0,4% nos preços entre outubro e novembro e a maçã Gala mantém valorização com 4,4% de aumento nas cotações da fruta.

Entre janeiro e novembro de 2017, as exportações recuperaram os patamares de 2015 com volumes maiores que 55,0 mil toneladas e valores maiores que US\$ 40,6 milhões. Bangladesh mantém média de 30% de participação no valor das exportações brasileiras, seguida da Irlanda (18%) e de Portugal (9,1%) com aumentos significativos em relação à 2015 de 61% e 92%, respectivamente. A Federação Russa e os Países Baixos diminuíram suas participações no volume com reduções de 31% e 81%, respectivamente.

#### Maçã – Comparativo entre as estimativas da safra 2016/17 e 2017/18 – Santa Catarina

| Principais MRG com cultivo de maçã | Estimativa atual 2016/17 (Epagri/Cepa) |                |                                            | Estimativa inicial 2017/18 (Epagri/Cepa) |                |                                            | Variação (%)  |               |                     |
|------------------------------------|----------------------------------------|----------------|--------------------------------------------|------------------------------------------|----------------|--------------------------------------------|---------------|---------------|---------------------|
|                                    | Área colhida (ha)                      | Produção (t)   | Produtividade média (kg ha <sup>-1</sup> ) | Área colhida (ha)                        | Produção (t)   | Produtividade média (kg ha <sup>-1</sup> ) | Área Colhida  | Produção      | Produtiv. Média (%) |
| Joaçaba                            | 3.040                                  | 111.800        | 36.776                                     | 3.040                                    | 107.854        | 35.478                                     | 0,00%         | -3,53%        | -3,53               |
| Canoinhas                          | 150                                    | 3.965          | 26.433                                     | 140                                      | 3.646          | 26.046                                     | -6,67%        | -8,04%        | -1,47               |
| Curitibanos                        | 995                                    | 32.113         | 32.274                                     | 995                                      | 33.288         | 33.455                                     | 0,00%         | 3,66%         | 3,66                |
| Campos de Lages                    | 11.970                                 | 482.131        | 40.278                                     | 11.972                                   | 468.739        | 39.153                                     | 0,02%         | -2,78%        | -2,79               |
| Outras                             | 4                                      | 30             | 7.500                                      | 4                                        | 30             | 7.500                                      | 0,00%         | 0,00%         | 0,00                |
| <b>Total</b>                       | <b>16.159</b>                          | <b>630.039</b> | <b>38.990</b>                              | <b>16.151</b>                            | <b>613.557</b> | <b>37.989</b>                              | <b>-0,05%</b> | <b>-2,62%</b> | <b>-2,57</b>        |

Fonte: Epagri/Cepa (nov/2017).



Na estimativa atual da safra 2016/17, houve atualização dos dados com diminuição nos volumes previstos para as microrregiões de Joaçaba, Curitiba e Canoinhas devido à redução de antigas áreas e adequações de outras com renovação e cobertura de pomares, o que deve refletir em aumento na produtividade nas próximas safras. A microrregião dos Campos de Lages apresentou aumento da área em produção devido a expansão de novas áreas ocorridas ao longo dos últimos dois anos. Para a safra 2017/18 é esperada uma redução na produção, principalmente da maçã Fuji, devido a diminuição da floração nas maceiras no período de desenvolvimento e a necessidade de intensificação do raleio em plantas afetadas por geada e granizo no estágio de frutificação.

## Grãos

### Arroz

João Rogério Alves  
Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa  
[joaoalves@epagri.sc.gov.br](mailto:joaoalves@epagri.sc.gov.br)

Plantio de arroz irrigado finalizado no Estado.

A safra 2017/2018 de arroz irrigado em Santa Catarina está com praticamente 100% da área destinada ao plantio semeada. Na região do Litoral Norte do Estado, que tradicionalmente semeia arroz mais cedo, lavouras começam a florescer. Nossos levantamentos apontam que cerca 10,9 mil hectares já está em florescimento, o que corresponde a 29% da área cultivada com arroz nas microrregiões de Joinville, Blumenau e Itajaí. No Estado, o percentual de área de arroz irrigado em florescimento é de apenas 7%. Até o momento as lavouras têm apresentado desenvolvimento normal com produtores realizando o controle de invasoras e insetos. No que se refere a controle de pragas, o monitoramento de pragas do arroz irrigado realizado pela Estação Experimental da Epagri de Itajaí, sob coordenação do pesquisador Dr. Eduardo R. Hinkel, no último dia 07/12, emitiu nota alertando para intensa movimentação de adultos de bicheira-da-raiz e de cascudo-preto entre os dias 04 a 08/12, o que requer atenção especial dos produtores para lavouras recém implantadas e para aquelas que se encontram com até 30 dias após a semeadura.

Em Santa Catarina, o preço mais comum para a saca de 50kg de arroz passou de R\$ 39,17 no mês de outubro, para R\$ 39,14 no mês de novembro, representando queda de 0,08%. No acumulado de 12 meses, as perdas chegam a 16,90%. Em novembro de 2016 o preço médio pago ao produtor pela saca de arroz estava cotado a R\$ 47,10. Comportamento muito semelhante foi observado no Rio Grande do Sul, onde a saca de 50kg de arroz passou de R\$ 36,77 para R\$ 36,64, redução de 0,35% no mês. Um ano atrás a mesma saca estava cotada a um preço médio de R\$ 48,99, representando redução de 25,21% em 12 meses. No Mato Grosso e Tocantins, estados que comercializam arroz em casca em sacas de 60kg, o mercado registrou alta no preço pago ao produtor no último mês (entre outubro e novembro) de 3,92% e 6,12%, respectivamente. Analisando uma série maior de meses, podemos observar que em comparação a novembro de 2016, as perdas acumuladas nos últimos 12 meses chega a 37,78% para o Mato Grosso e 24,27% para o Tocantins.

#### Arroz – Evolução do preço médios mensal pago ao produtor safra 2017/18 – R\$/saca.

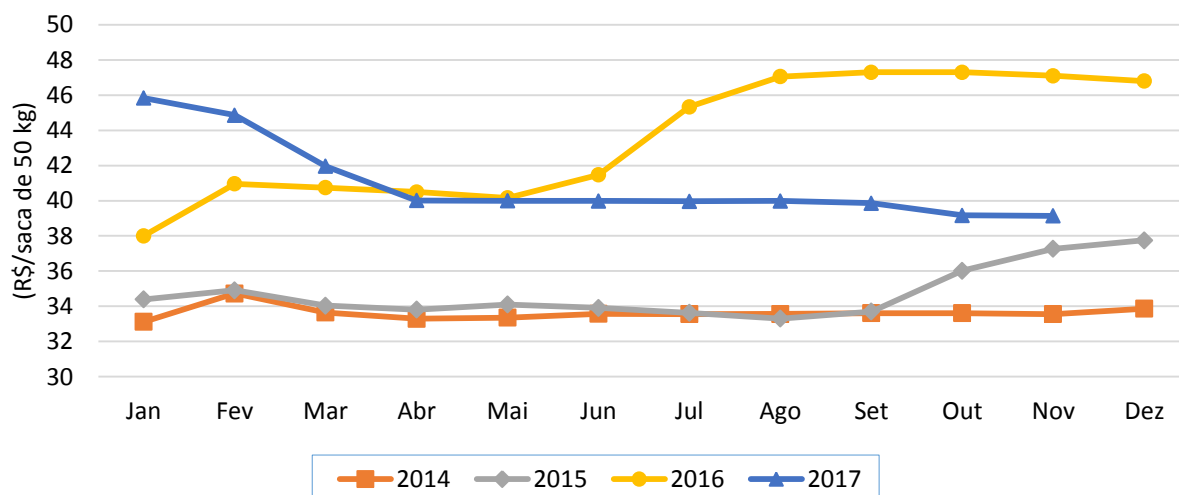
| Estado            | out/17 | nov/17 | variação (%) | nov/16 | variação (%) |
|-------------------|--------|--------|--------------|--------|--------------|
| Santa Catarina    | 39,17  | 39,14  | -0,08        | 47,10  | -16,90       |
| Rio Grande do Sul | 36,77  | 36,64  | -0,35        | 48,99  | -25,21       |
| Mato Grosso       | 41,02  | 42,63  | 3,92         | 68,52  | -37,78       |
| Tocantins         | 48,36  | 51,32  | 6,12         | 67,77  | -24,27       |

Nota: SC e RS = arroz irrigado em casca sc 50kg, MT e TO = arroz sequeiro sc 60kg.

Fonte: Epagri/Cepa (SC), Agrolink (RS/MT/TO).

Em relação aos preços pagos aos produtores em Santa Catarina, de abril a novembro deste ano, a variação foi de -2,17%. No ano passado, neste mesmo período o preço da saca de 50kg de arroz teve um incremento de 15,6%, comportamento muito diferente do que temos visto nesta safra. A tendência para os próximos meses é de que esse cenário não se modifique. Com a chegada das festas de fim de ano normalmente há queda no consumo de arroz nos grandes centros consumidores. Pesquisa divulgada pelo Departamento

Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos - DIEESE, no mês de outubro próximo reforçam essa tendência, segundo o estudo, o preço do arroz diminuiu em 17 cidades e os percentuais oscilaram entre -3,26% em Maceió e -0,34% em São Paulo. Analisando os últimos 12 meses, houve redução em todas as cidades pesquisadas. Destacam-se as quedas ocorridas em Cuiabá (-28,39%), Vitória (-22,07%) e Florianópolis (-9,37%). Apesar dos produtores terem estocado o grão à espera de maior preço, o valor seguiu em baixa pela pouca demanda e elevada oferta de produto.



Fonte: Epagri/Cepa.

#### Arroz irrigado – Evolução do preço nominal ao longo dos meses – Santa Catarina (2014-17)

Para esta safra deveremos colher no estado cerca de 1,17 milhões de toneladas, indicando uma redução de 0,51% em relação à safra passada. Conforme o andamento da safra, não havendo problemas importantes de ordem climática, como falta de água para irrigação e ocorrência de ataque severo de pragas e/ou doenças, esses números devem se confirmar. A diminuição nos preços médios praticados, de janeiro a novembro deste ano chegam a 17,6%. No mesmo período na safra passada, ocorreu o inverso; tivemos um incremento nos preços na ordem de 24%. Esses dois fatores culminaram na diminuição da estimativa da receita bruta para os produtores de arroz. Considerando o preço médio praticado de janeiro a novembro, na perspectiva de que o produtor tem liberdade de comercializar sua produção ao longo desse período, à expectativa de redução da receita bruta para este ano em comparação ao ano passado chega a 5,75%.

## Feijão

João Rogério Alves

Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa

[joaoalves@epagri.sc.gov.br](mailto:joaoalves@epagri.sc.gov.br)

Com cerca de 80% da área destinada ao plantio de feijão 1ª safra já semeada nas regiões Planalto Sul, Planalto Serrano e Meio Oeste, por possuírem clima mais ameno, ainda restam áreas a serem plantadas. Do que já foi plantado, cerca de 38% das áreas de lavoura encontram-se em florescimento, as regiões mais adiantadas são: Região Oeste, Planalto Norte e Sul Catarinense. O ponto negativo nas últimas semanas é a falta de umidade no solo para a implantação das lavouras, o que está provocando a interrupção da semeadura em municípios importantes como Lages, São José do Cerrito, Campos Novos e Curitiba. Nossas estimativas de safra para a cultura do feijão 1ª safra apontam que deveremos colher nesta safra 2017/18 cerca de 94,4 mil toneladas de grãos da leguminosa, número praticamente idêntico ao que foi obtido na safra passada. Em relação à área plantada, até o momento temos registrada a intenção de plantio de 46,8 mil hectares, número que representa um acréscimo de 2% em relação à área plantada na safra passada. Já o rendimento deverá cair um pouco, cerca de 2%, restabelecendo a produtividade normal do estado, uma vez que a safra passada foi considerada acima da média.

Na praça de Joaçaba, referência para tomada de preços para o feijão-carioca no Estado, o preço mais comum permaneceu estável entre os meses de outubro e novembro, ficando em R\$110,00/saca 60kg pago ao produtor. Apresentaram maiores quedas no mês de novembro em relação a outubro as cotações nos estados de Minas Gerais (-18,38%), Goiás (-11,075%) e São Paulo (-10,06%). Como pode ser observado na tabela abaixo, nos últimos 12 meses as cotações despencaram. Em novembro de 2016 a saca de 60kg estava cotada em Santa Catarina a R\$180,00, uma redução no período de cerca de 39%, no estado do Paraná a redução foi ainda maior, cerca de 53%, passando de R\$186,70 em novembro de 2016 para R\$87,34 em novembro de 2017. Para o feijão-preto em Santa Catarina, os preços tiveram pequena baixa de 1,7% neste mês de novembro em comparação a outubro, comportamento diferente do observado no Rio Grande do Sul, onde o feijão-preto teve variação positiva de 3%. Em relação há um ano, a redução no preço pago ao produtor catarinense pela saca de 60kg chega a cerca de 43,6%.

**Feijão – Evolução do preço médios mensal pago ao produtor safra 2017/18 – R\$/saca de 60kg**

| Estado            | Tipo           | out/17 | nov/17 | variação (%) | nov/16 | variação (%) |
|-------------------|----------------|--------|--------|--------------|--------|--------------|
| Santa Catarina    | Feijão Carioca | 110,00 | 110,00 | 0,00         | 180,00 | -38,89       |
| Paraná            |                | 89,96  | 87,34  | -2,91        | 186,70 | -53,22       |
| São Paulo         |                | 127,23 | 114,43 | -10,06       | 186,71 | -38,71       |
| Minas Gerais      |                | 133,09 | 108,63 | -18,38       | 173,95 | -37,55       |
| Goiás             |                | 113,22 | 100,69 | -11,07       | 211,03 | -52,29       |
| Santa Catarina    | Feijão Preto   | 111,90 | 110,00 | -1,70        | 195,00 | -43,59       |
| Paraná            |                | 109,64 | 111,35 | 1,56         | 208,56 | -46,61       |
| Rio Grande do Sul |                | 132,45 | 136,5  | 3,06         | 212,25 | -35,69       |

Fonte: Epagri/Cepa (SC), SEAB/Deral (PR), Agrolink (RS, MG, GO e SP).

O mercado atacadista de São Paulo, principal mercado da leguminosa, (balizador do preço pago aos produtores, considerando os diferentes tipos de feijão), permaneceu estável para o feijão-carioca, o que significa que houve equilíbrio entre oferta e demanda de volumes suficientes para atender os níveis de consumo no período. Para o feijão-preto, os preços no atacado permaneceram calmos, isto significa dizer que os preços sofreram pequenas oscilações no período. Em relação às notas atribuídas para o produto feijão-carioca, reiteramos que se trata de uma classificação reconhecida pelo mercado atacadista, que tem

como objetivo retirar a subjetividade da avaliação de cor, anteriormente realizada apenas visualmente. Quanto mais claro, maior a valorização do produto, o padrão brasileiro da cor do feijão-carioca é composto de uma escala de cores com variação de 6-10, sendo 6 a cor mais escura e 10 a mais clara.

**Feijão – Preço médio diário do feijão no mercado atacadista de São Paulo**

| <b>Produto <sup>(1)</sup></b>  | <b>12/12/2017</b> | <b>10/11/2017</b> | <b>Variação (%)</b> | <b>Mercado <sup>(2)</sup></b> |
|--------------------------------|-------------------|-------------------|---------------------|-------------------------------|
| Feijão-carioca Extra (9,0)     | 102,50            | 125,00            | -18,00              | estável                       |
| Feijão-carioca Especial (8,5)  | 92,50             | 112,50            | -17,78              | estável                       |
| Feijão-carioca Comercial (8,0) | 82,50             | 102,50            | -19,51              | estável                       |
| Feijão-preto Extra             | 157,50            | 157,50            | 0,00                | calmo                         |
| Feijão-preto Especial          | 140,00            | 140,00            | 0,00                | calmo                         |

<sup>(1)</sup> feijão nacional, maquinado, saca 60kg, 15 dias, CIF/SP.

<sup>(2)</sup> comportamento do mercado em 12/12/2017.

Nota 1: Mercado Estável: com acentuado movimento, mas equilíbrio na oferta e demanda.

Nota 2: Mercado Calmo: quando os preços se mantêm ou sofre pequenas oscilações.

Fonte: Bolsa de Cereais de São Paulo, BCSP.

A pouca variação nos preços pagos aos produtores pelo feijão nos últimos meses, se justificam em parte pelo comportamento do mercado consumidor. Segundo dados do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos - DIEESE, no mês de outubro, o feijão apresentou redução de preços ao consumidor em 19 cidades brasileiras. O estudo apontou que o preço do feijão-carioca, pesquisado nas regiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste, em Belo Horizonte e em São Paulo, teve queda em todas as localidades, com taxas que variaram entre -11,52%, em Manaus e -0,72% em Belém. Para o preço do feijão-preto, o mesmo estudo apontou que o preço do produto aumentou em Florianópolis 0,55%, manteve-se estável em Porto Alegre e decresceu em Vitória -5,70%, Rio de Janeiro -1,18% e Curitiba -0,90%.

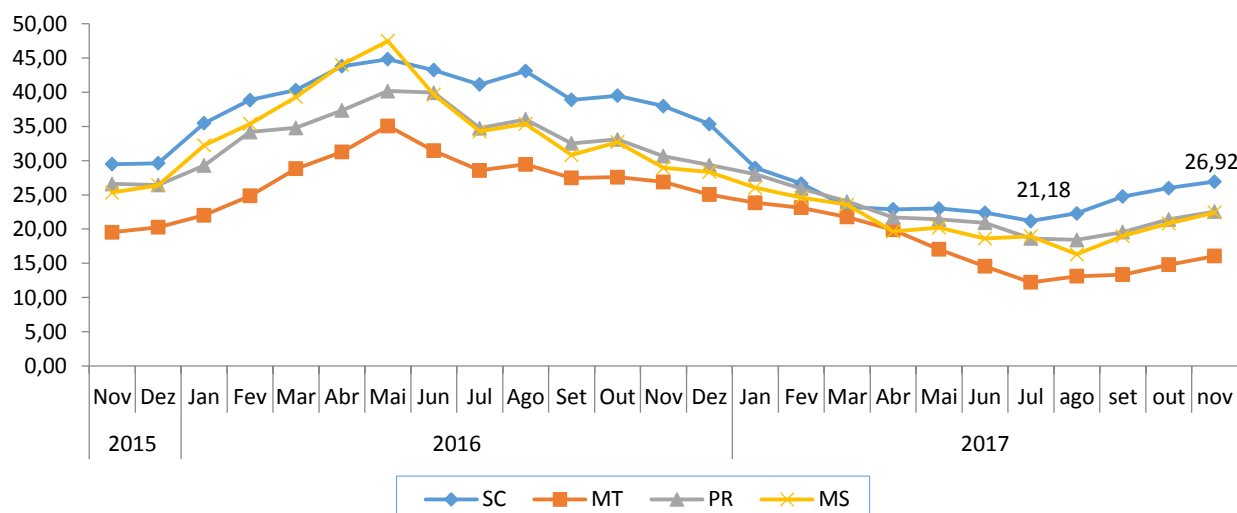
O estudo também demonstrou que no últimos 12 meses, o valor acumulado de redução do preços do feijão teve o seguinte comportamento: o preço do feijão-carioca recuou em todas as cidades pesquisadas, as taxas variaram entre -62,98%, em Fortaleza, e -53,08%, em Maceió. Para o feijão-preto, ocorreu diminuição dos preços em todas as localidades pesquisadas: Vitória -38,29%, Curitiba -37,26%, Florianópolis -33,12%, Rio de Janeiro -32,80% e Porto Alegre -30,97%. Um dos fatores que promoveram essa queda nos preços, segundo o estudo, pode ser atribuído à elevação na oferta do feijão-carioca, o que ocasionou diminuição dos preços no varejo. Para o feijão-preto, a oferta foi menor em função do fim da safra, mas as reduções de preços do feijão-carioca acabaram “puxando para baixo” o valor médio do feijão-preto.

## Milho

Haroldo Tavares Elias  
Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa  
[htelias@epagri.sc.gov.br](mailto:htelias@epagri.sc.gov.br)

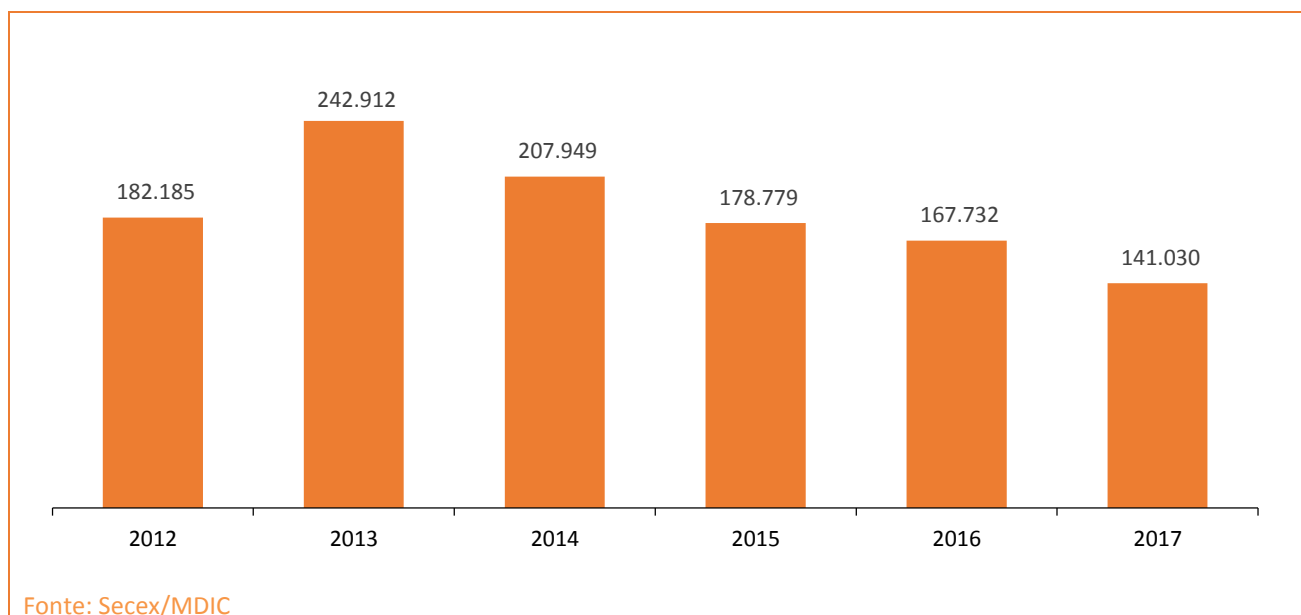
No mês de novembro, os preços de milho nos principais estados produtores continuam apresentando reação de alta, visto que desde julho/16 estavam em rota de desvalorização, em julho/17 com o menor valor registrado no ano, o que teve reflexo na expectativa de plantio da safra 2017/18. Em Mato Grosso, Paraná e Santa Catarina as cotações em novembro registraram R\$ 16,05/sc, R\$ 22,56/sc e R\$ 26,92 respectivamente.

Em Santa Catarina, os preços médios tiveram reação significativa desde julho, neste mês registrou R\$ 21,18 já em novembro R\$ 26,92 a saca de 60 kg na praça de Chapecó (praça referência no Estado). Neste período, os preços apresentaram uma elevação de 27%, no entanto, a variação do preço relativo a novembro de 2016 é de - 29%, o que sinaliza ainda patamares de preços bem inferiores àqueles praticados na safra anterior. Embora represente pouca expressão no que se refere ao mercado externo, Santa Catarina registrou exportações de 141.030 toneladas no acumulado de janeiro a novembro de 2017. Em relação às exportações nacionais, o ritmo dos volumes continuam mais elevados em relação ao acumulado nos anos anteriores, fato que está influenciando a reação dos preços no mercado interno, além da expectativa de retração da área de cultivo para safra 2017/18 retratado até o momento.



Fonte: Epagri/Cepa. Agrolink.

**Milho – Evolução do preço médio mensal real ao produtor em Santa Catarina, Mato Grosso, Paraná, Mato Grosso do Sul – 2014 a 2017 nov.**



Fonte: Secex/MDIC

**Exportações catarinenses de milho em grão e sementeira (2012 a nov. 2017) – em toneladas**

**Exportações catarinense de milho em grão (2014 a nov. 2017)**

| Período             | US\$ FOB      | Peso Líquido (kg) |
|---------------------|---------------|-------------------|
| 01/2017 até 11/2017 | 3.994.724.868 | 25.266.950.481    |
| 2016                | 3.739.923.173 | 21.873.309.735    |
| 2015                | 5.008.963.477 | 28.923.951.445    |
| 2014                | 3.931.914.031 | 20.654.640.082    |

Milho grão. Cod. 10051000;10059010;10059090

Fonte: MDIC – ALICEWEB.

**Estimativa safra 2017/2018 – milho grão**

A estimativa de plantio para a nova safra 2017/18 de milho grão primeira, está apresentando uma expectativa de redução na área planta de 12,36% e de 4,7% no rendimento em relação à safra anterior, o que poderá resultar na redução da produção em torno de 16% (Tabela Milho Grão Estimativa 2017/18). Este indicativo se dá em função do baixo nível dos preços pagos ao produtor neste ano, pela elevação do custo de produção e pela opção de plantio de soja, que apresenta preços mais estáveis. Mesmo com a elevação dos preços do milho desde julho, este fato não influenciou a expectativa de plantio. A área crescente de plantio de milho silagem também explica a redução da área com milho grão.

**Panorama regional:**

**Oeste Chapecó, Xanxerê, Concórdia e São Miguel do Oeste** - Até o dia 15 de dezembro, 93 % das lavouras em fase de floração. Caso venha acontecer estiagem em dezembro as lavouras nesta fase são mais sensíveis a déficit hídrico.



**Regiões de Joaçaba, Campos Novos, Curitibanos, Caçador:** Plantio avançou rapidamente em outubro e novembro. Em torno de 93% da área foi semeada até 15/12. Nas áreas maiores, a maioria dos trabalhos de plantio aconteceram em outubro. Nas áreas menores o plantio se prolonga até meados de dezembro.

**Campos de Lages:** Início de plantio em novembro, até 15 de dezembro 95% das lavouras semeadas;

**Região Norte:** 98% da área semeada até 15 de dezembro. O evento climático (estiagem) para as áreas com plantio de milho em setembro não causaram maiores problemas, somente um pequeno atraso no calendário de plantio das grandes áreas.

**Alto Vale o Itajaí –** Em torno de 100% das áreas semeadas até 15 de dezembro, com 10% em fase de floração.

**Estadual:** Em nível estadual até 15 de dezembro 98% das lavouras foram semeadas, os 2% restante aguardam umidade do solo para finalizar o plantio.

### **Climatologia (o que se espera para época do ano):**

O clima tem sido favorável à cultura até final de novembro, com chuvas semanais e períodos de tempo ensolarados, fato que tem contribuído para o bom desenvolvimento das plantas, entretanto, até a data deste relatório, considerando a primeira quinzena de dezembro, poucas chuvas foram registradas no interior do Estado, em regiões produtoras, o que traz alerta e preocupação para os produtores.

O verão deve ser marcado por pouca chuva em boa parte de SC, com valores próximos à abaixo da média climatológica. Dezembro marca a transição entre a primavera e verão e a média de chuva no Estado varia de 130 a 170mm, sendo mais frequente na segunda quinzena. Em janeiro e fevereiro, o regime de verão já está estabelecido e a chuva convectiva (curta duração) ocorre com maior frequência entre a tarde e noite, e por vezes na madrugada, e a média mensal é de 180 a 200mm<sup>1</sup>.

### **Temperatura:**

No atual período estão sendo registradas temperaturas baixas no período noturno, o que poderá afetar a produção normal de milho. Verões com temperatura média diária inferior a 19°C e **noites com temperatura média inferior a 12,8°C não são apropriados para a produção de milho**. Por outro lado, temperaturas noturnas superiores a 24°C proporcionam um aumento da respiração, ocasionando uma diminuição da taxa de fotossíntese e consequente redução da produção. Temperaturas inferiores a 15°C retardam a maturação dos grãos<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> Epagri/Ciram

<sup>2</sup> [http://www.agencia.cnptia.embrapa.br/gestor/milho/arvore/CONTAG01\\_17\\_168200511157.html](http://www.agencia.cnptia.embrapa.br/gestor/milho/arvore/CONTAG01_17_168200511157.html).

**Milho Grão 1ª safra – Estimativa Safra 2017/18 Santa Catarina e variação em relação à 2016/17.**

| Microrregião          | Safra 2016/17  |                  |                     | Safra 2017/18  |                  |                     | Variação (%)  |               |              |
|-----------------------|----------------|------------------|---------------------|----------------|------------------|---------------------|---------------|---------------|--------------|
|                       | Área (ha)      | Quant. prod. (t) | Rend. médio (kg/ha) | Área (ha)      | Quant. prod. (t) | Rend. médio (kg/ha) | Área plant.   | Quant. prod.  | Rend. médio  |
| Araranguá*            | 7.209          | 28.766           | 3.990               | 7.734          | 53.433           | 6.909               | 7,28          | 85,75         | 73,15        |
| Blumenau              | 1.567          | 5.967            | 3.808               | 1.567          | 5.967            | 3.808               | 0,00          | 0,00          | 0,00         |
| Campos Lages          | 36.010         | 264.126          | 7.335               | 31.630         | 234.414          | 7.411               | -12,16        | -11,25        | 1,04         |
| Canoinhas             | 32.100         | 304.670          | 9.491               | 28.800         | 267.460          | 9.287               | -10,28        | -12,21        | -2,15        |
| Chapecó               | 59.025         | 521.942          | 8.843               | 51.700         | 473.041          | 9.150               | -12,41        | -9,37         | 3,47         |
| Concórdia             | 23.930         | 201.858          | 8.435               | 22.230         | 191.815          | 8.629               | -7,10         | -4,98         | 2,29         |
| Criciúma              | 7.154          | 42.318           | 5.915               | 6.670          | 46.383           | 6.954               | -6,77         | 9,61          | 17,56        |
| Curitibanos           | 21.608         | 239.546          | 11.086              | 17.360         | 180.834          | 10.417              | -19,66        | -24,51        | -6,04        |
| Florianópolis         | 619            | 2.299            | 3.714               | 619            | 2.299            | 3.714               | 0,00          | 0,00          | 0,00         |
| Itajaí                | 53             | 196              | 3.698               | 53             | 196              | 3.698               | 0,00          | 0,00          | 0,00         |
| Ituporanga            | 11.120         | 78.125           | 7.026               | 9.744          | 63.525           | 6.519               | -12,37        | -18,69        | -7,21        |
| Joaçaba               | 59.684         | 630.233          | 10.560              | 49.130         | 445.068          | 9.059               | -17,68        | -29,38        | -14,21       |
| Joinville             | 340            | 1.160            | 3.412               | 340            | 1.160            | 3.412               | 0,00          | 0,00          | 0,00         |
| Rio do Sul            | 20.930         | 129.932          | 6.208               | 19.225         | 109.719          | 5.707               | -8,15         | -15,56        | -8,07        |
| São B. do Sul         | 5.000          | 35.200           | 7.040               | 4.400          | 32.960           | 7.491               | -12,00        | -6,36         | 6,40         |
| São M. Oeste          | 39.500         | 330.930          | 8.378               | 35.340         | 246.754          | 6.982               | -10,53        | -25,44        | -16,66       |
| Tabuleiro             | 3.457          | 11.801           | 3.414               | 3.457          | 11.801           | 3.414               | 0,00          | 0,00          | 0,00         |
| Tijucas               | 1.705          | 6.764            | 3.967               | 1.705          | 6.764            | 3.967               | 0,00          | 0,00          | 0,00         |
| Tubarão               | 4.696          | 22.990           | 4.896               | 5.185          | 32.215           | 6.213               | 10,41         | 40,13         | 26,91        |
| Xanxerê               | 27.280         | 288.392          | 10.572              | 21.220         | 221.805          | 10.453              | -22,21        | -23,09        | -1,12        |
| <b>Santa Catarina</b> | <b>362.987</b> | <b>3.147.214</b> | <b>8.670</b>        | <b>318.109</b> | <b>2.627.613</b> | <b>8.260</b>        | <b>-12,36</b> | <b>-16,51</b> | <b>-4,73</b> |

Fonte: Epaagri/Cepa.

**Balanço de oferta e demanda em Santa Catarina.**

Santa Catarina é historicamente deficitário no balanço de oferta e demanda de milho. No ano de 2016, a demanda total do grão totalizou 6,6 milhões de toneladas, enquanto a oferta fechou em 3,3 milhões de toneladas. Destaca-se que o balanço de oferta e demanda de 2016 leva em consideração a safra de milho de 2015/16, de forma que em 2017 o déficit deve sofrer redução em razão da boa safra colhida na safra 2016/17. Da demanda total, cerca de 97% destina-se ao consumo animal, principalmente para produção de suínos e frangos de corte (85,5%). Assim, o incremento da produção, observado na safra 2016/17, é fundamental para a indústria de carnes que presenciou a redução de seus custos pela menor necessidade de demanda pelo grão de outros estados, bem com os preços inferiores aos praticados em 2016. O déficit de milho do estado é coberto pelas importações interestaduais com origem principalmente no Paraná, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, e pelas importações de países como Argentina e Paraguai, que no ano de 2016 totalizaram 611,46 mil toneladas.

Atualmente existe um debate sobre a viabilidade para se criar uma "Rota do Milho", pela qual o mercado brasileiro pretende importar um importante volume do cereal proveniente do Paraguai. Representantes do Paraguai, Argentina e Brasil com atuação da Secretaria de Estado da Agricultura de Santa Catarina.

| Milho – Balanço de oferta e demanda em Santa Catarina – 2016 |         |                        |                    |    |                    |                |       |
|--------------------------------------------------------------|---------|------------------------|--------------------|----|--------------------|----------------|-------|
| Ano                                                          | Produto |                        |                    |    | Milho              | Participação % |       |
|                                                              | Oferta  | Produção               | 1ª safra (2015/16) |    | 2.551,93           | 76,39          |       |
|                                                              |         |                        | 2ª safra (2015/16) |    | 177,36             | 5,31           |       |
|                                                              |         |                        | Total (2015/16)    |    | 2.729,28           | 81,70          |       |
|                                                              |         | Importações            |                    |    |                    | 611,46         | 18,30 |
|                                                              |         | TOTAL                  |                    |    |                    | 3.340,74       |       |
|                                                              | Demanda | Consumo                | Animal<br>natura   | in | Suínos             | 2.805,50       | 42,51 |
|                                                              |         |                        |                    |    | Frangos de corte   | 2.835,30       | 42,96 |
|                                                              |         |                        |                    |    | Galinhas poedeiras | 145,50         | 2,20  |
|                                                              |         |                        |                    |    | Perus              | 158,00         | 2,39  |
|                                                              |         |                        |                    |    | Vacas              | 400,00         | 6,06  |
|                                                              |         |                        | Humano in natura   |    | 31,70              | 0,48           |       |
|                                                              |         | Reservas para sementes |                    |    |                    | 1,62           | 0,02  |
|                                                              |         | Perdas                 |                    |    |                    | 54,59          | 0,83  |
|                                                              |         | Exportações            |                    |    |                    | 167,73         | 2,54  |
|                                                              |         | TOTAL                  |                    |    |                    | 6.599,94       |       |
|                                                              |         | Saldo                  |                    |    |                    | -3.259,20      |       |

Fonte: Epaagri/Cepa, Síntese 2017, no prelo.

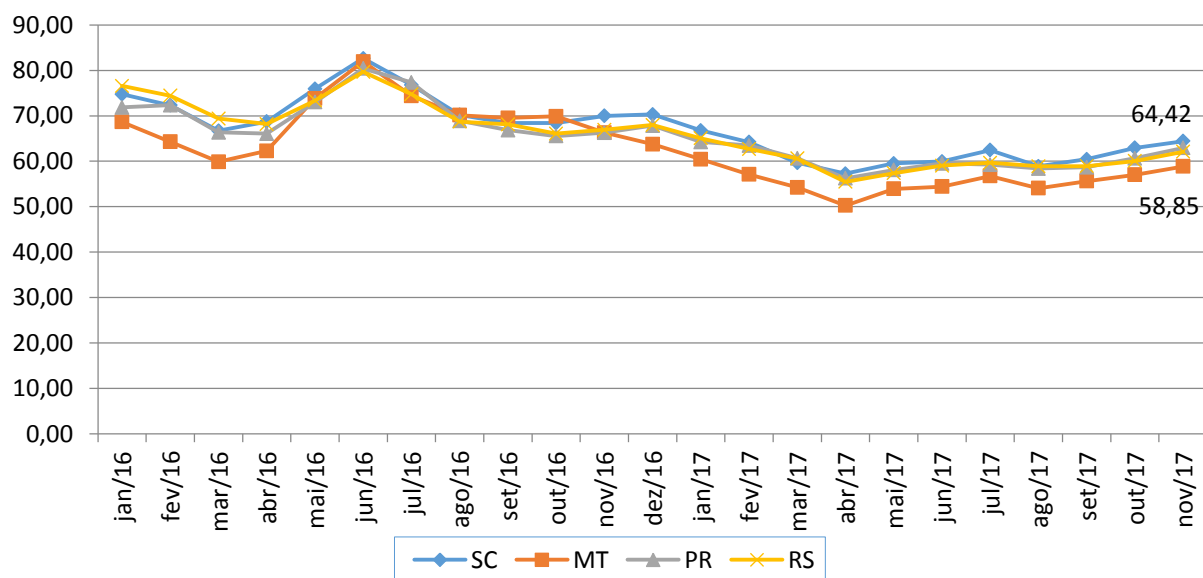
### Milho primeira safra - Brasil

Os impactos da boa produção da safra passada refletem em redução da área plantada para a safra 2017/18, uma vez que os preços mantiveram-se em um patamar abaixo do ano anterior. Milho primeira safra: estima-se uma redução na produção de 19,7 a 15% em relação à safra anterior, podendo ficar entre 24,46 a 25,88 milhões de toneladas. compreende diminuição de área absoluta entre 552,5 e 336,3 mil hectares a nível nacional (CONAB, nov. 2017).

## Soja

Haroldo Tavares Elias  
Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa  
[htelias@epagri.sc.gov.br](mailto:htelias@epagri.sc.gov.br)

Em novembro a soja continua a escalada de recuperação dos preços. Nas principais praças dos estados produtores retomou a valorização, sendo registrado em outubro os valores R\$ 58,85, R\$ 62,93 e R\$ 62,09 (saca de 60 kg) no Mato Grosso, Paraná e Rio Grande do Sul, respectivamente. Em comparação com o mês de outubro os preços tiveram em média 3,18% de reajuste. No comparativo com o mesmo mês no ano passado (novembro de 2016), a variação média nos principais estados produtores (MT, PR e RS) foi de - 7,84%. Em Santa Catarina os preços apresentaram ligeira alta entre out. e nov. sendo de 2,35%. Em Santa Catarina os preços médios de novembro foram cotados em R\$ 64,42/sc. Após um longo período de desvalorização (de junho de 2016 a abril/2017) a safra expressiva tanto para o Brasil como para os demais países produtores, contribuiu para queda dos preços neste período. No entanto, desde setembro, os preços vem apresentando elevação, devido ao período de entressafra, aos estoques mais baixos, as preocupações com o cultivo da temporada 2017/18 a estiagem na Argentina e no sul do Brasil e o dólar mais elevado. Além disso, a demanda externa aquecida, em especial a chinesa, elevou os preços em novembro. Conforme dados da Secex, do total de 65,8 milhões de toneladas embarcadas em 2017 pelo Brasil (acumulado de jan. a nov. 2017)<sup>3</sup>, 51,74 milhões de toneladas tiveram a China como destino, o maior volume da história. Especificamente quanto às exportações de novembro, do total de 2,14 milhões de toneladas, que, por sua vez, é volume recorde para o mês de novembro, 85% foram destinados à China.

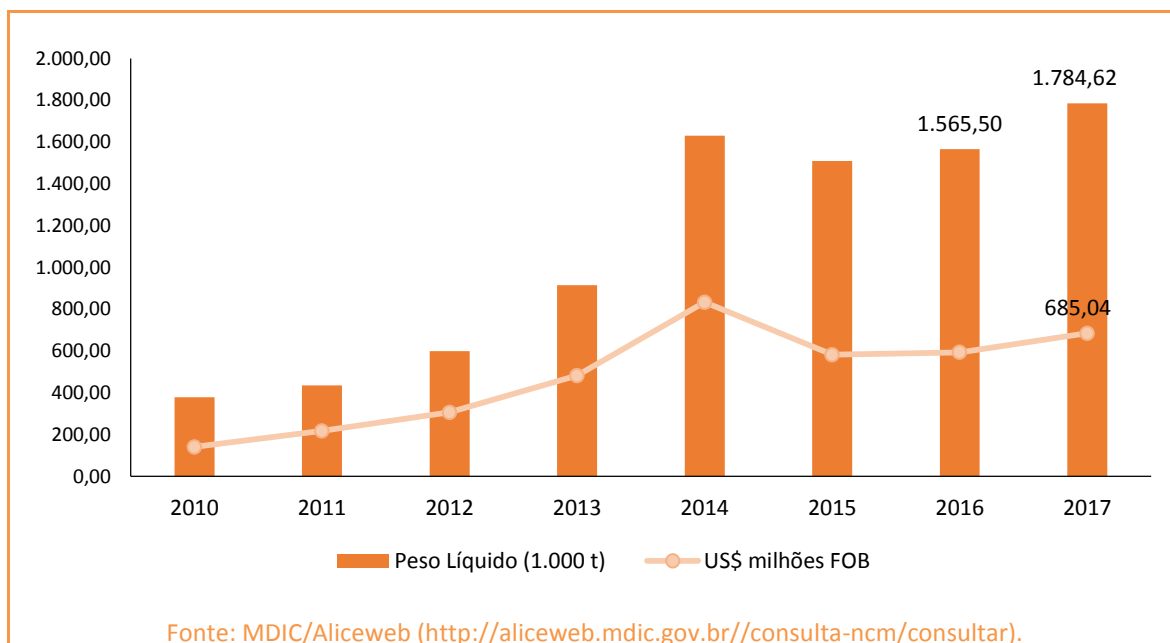


Fonte: Epagri/Cepa. Agrolink (MT, PR, RS)

**Soja – Preço médio real mensal de soja em grão ao produtor, MT, PR, RS e Santa Catarina – 2016 a out 2017**

<sup>3</sup> MDIC/<http://alicesweb.mdic.gov.br//consulta-ncm/consultar>

Em Santa Catarina, embora a participação na produção nacional seja pouco expressiva, a boa expectativa para a safra também gerou efeitos negativos sobre os preços desde meados de 2016. No acumulado do ano, de janeiro a novembro, o volume exportado alcançou 1.784.623 toneladas, volume maior que o total exportado em 2016. Os principais destinos das exportações são China, Rússia, Coreia do Sul e Tailândia.



**Soja – Acumulado das exportações da soja em grão e semente de Santa Catarina (2010 a nov 2017), em mil toneladas e valor FOB US\$.**

A produção de Santa Catarina na safra 2016/17 foi de 2,4 milhões de toneladas em uma área de 658 mil hectares. As condições meteorológicas favoráveis, com chuvas regulares, boa insolação em grande parte da área produtiva do estado, bem como a tecnologia adotada, resultaram em produtividade média de 3,6 toneladas por hectare, cerca de 11% acima da obtida na safra 2015/16. Essa combinação de aumento da área e da produtividade, resultou em produção 13,4% maior em relação à safra anterior.

Para a Safra 2017/18, a estimativa inicial de cultivo da leguminosa confirma a crescente expansão em termos de área. Há expectativa de incremento de 7,3% em relação à safra anterior, 2016/17. Assim deverá alcançar 706 mil hectares, sendo confirmado com as estimativa atual. Esta área conquistada vem da redução de área do milho, de pastagens, fruticultura, feijão e outras culturas ao longo dos anos. No entanto, quanto ao rendimento (Kg/ha), há um indicativo de variação de -2,3% (relativo à safra anterior) e, -0,73 em relação à estimativa atual, uma vez que a safra anterior foi incomum, apresentando rendimento nunca antes verificado em função das condições climáticas favoráveis, já mencionada. O atraso do plantio em algumas regiões e estiagem verificada em setembro contribuem para estas estimativas. Esta expectativa está em acordo com as perspectivas da safra nacional.

| Microrregião          | Estimativa inicial (set/2017) |                  |             | Estimativa atual (dez 2017) |                |             | Est. Atual / Est. inicial (%) |              |              |
|-----------------------|-------------------------------|------------------|-------------|-----------------------------|----------------|-------------|-------------------------------|--------------|--------------|
|                       | Área Plantada (ha)            | Quant. produzida | Rend. Médio | Área (ha)                   | Produção       | Rend. Méd   | Área Plant.                   | Produção     | Rend. Méd    |
| Campos de Lages       | 62950                         | 213768           | 3396        | 63520                       | 215760         | 3397        | 0,91                          | 0,93         | 0,03         |
| Canoinhas             | 140300                        | 500480           | 3567        | 140300                      | 500480         | 3567        | 0,00                          | 0,00         | 0,00         |
| Chapecó               | 94135                         | 312426           | 3319        | 96165                       | 313165         | 3257        | 2,16                          | 0,24         | -1,88        |
| Concórdia             | 6076                          | 19935            | 3281        | 5842                        | 17826          | 3051        | -3,85                         | -10,58       | -7,00        |
| Curitibanos           | 113008                        | 459392           | 4065        | 113008                      | 459392         | 4065        | 0,00                          | 0,00         | 0,00         |
| Ituporanga            | 8630                          | 27924            | 3236        | 7740                        | 27688          | 3577        | -10,31                        | -0,85        | 10,56        |
| Joaçaba               | 67664                         | 255994           | 3783        | 67664                       | 255994         | 3783        | 0,00                          | 0,00         | 0,00         |
| Rio do Sul            | 4435                          | 13785            | 3108        | 4015                        | 14072          | 3505        | -9,47                         | 2,08         | 12,76        |
| São Bento do Sul      | 15700                         | 51000            | 3248        | 15700                       | 51000          | 3248        | 0,00                          | 0,00         | 0,00         |
| São Miguel do Oeste   | 44870                         | 139201           | 3102        | 44870                       | 139201         | 3102        | 0,00                          | 0,00         | 0,00         |
| Xanxerê               | 148370                        | 536368           | 3615        | 147160                      | 517174         | 3514        | -0,82                         | -3,58        | -2,79        |
| <b>Santa Catarina</b> | <b>706138</b>                 | <b>2530274</b>   | <b>3583</b> | <b>705984</b>               | <b>2511752</b> | <b>3558</b> | <b>-0,02</b>                  | <b>-0,73</b> | <b>-0,71</b> |

As estimativas atualizadas de novembro, confirmam o crescimento da área cultivada de soja no estado, com área estimada próximo de 706 mil hectares.

As regiões do estado que mais concentram a produção são: Canoinhas, Curitibanos ( que inclui Campos Novos, maior produtor do estado) e Xanxerê que, juntas somam mais de 400.000 ha (56% do total da área cultivada no Estado) considerando as estimativas iniciais safra 2017/2018.

#### Panorama regional:

**Região Oeste:** Chapecó, Xanxerê, São Miguel do Oeste: Os plantios se intensificaram ao longo de outubro, até 15 de dezembro 100% semeado na região, em torno de 30% em fase de floração;

**Regiões de Joaçaba, Campos Novos, Curitibanos e Caçador:** Plantio evoluindo, conforme condições de umidade do solo permitem os trabalhos, até 15 novembro 100% semeado, em torno de 12% em fase de floração.

**Campos de Lages:** Início dos plantios acontece principalmente em novembro, se estendendo até início de dezembro em função das baixas temperaturas. Até 15 de dezembro 90% semeado, faltando algumas áreas em Lages e Capão Alto, devido à falta de umidade no solo no início de dezembro;

**Região Norte (Canoinhas, Mafra):** Plantio concluído, 100% da área semeada até 15 dezembro;

**Estado:** Estimativa de 99% das áreas semeadas até 15 dezembro em Santa Catarina. As baixas temperaturas registradas em novembro no período noturno em várias regiões produtoras do Estado podem repercutir na fase inicial de estabelecimento das lavouras. Sendo que a faixa ideal para desenvolvimento da soja está em 20-30°C. Temperaturas baixas inibem o crescimento normal.

#### Soja – safra brasileira:

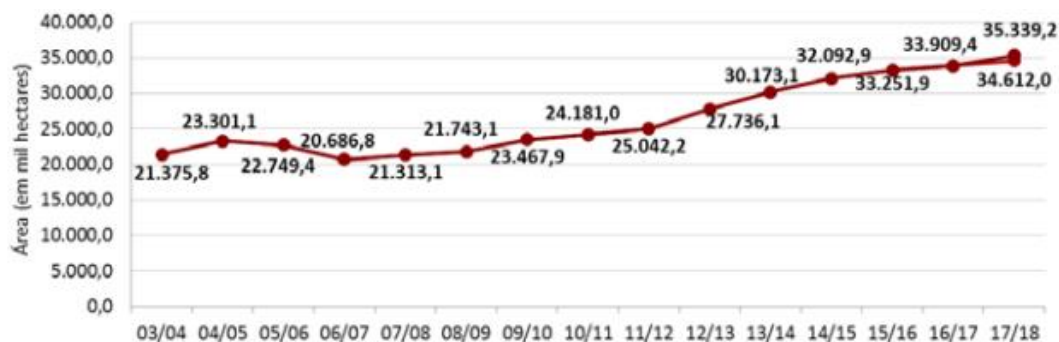
A área tem sido a protagonista do aumento da produção de soja no Brasil nos últimos 20 anos<sup>4</sup>. A sua maior liquidez e a possibilidade de melhor rentabilidade em relação a outras culturas fazem que a estimativa seja de crescimento de área de produção, podendo atingir entre 34,6 e 35,3 milhões de hectares, na safra 2017/18, o que seria incremento médio de aproximadamente 2,7% em relação à safra anterior<sup>5</sup>. A tendência de crescimento tem sido observada em praticamente todos os principais estados

<sup>4</sup> Compêndio de Estudos Conab / Companhia Nacional de Abastecimento. – A produtividade da soja: Análise e perspectivas, v. 10. - Brasília: Conab, 2017.

<sup>5</sup> Conab | ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA DE GRÃOS | v. 4 - Safra 2017/18, n.2 - Segundo levantamento, novembro 2017

produtores, até em Santa Catarina, que apresenta grande demanda de milho, tem a área de soja acrescida a cada ano.

Entretanto, a produção poderá ser menor, considerando que as estimativas indicam para uma produtividade próximas do normal.



Fonte: Conab.

**SOJA: Evolução da área de soja cultivada no Brasil.**



## Trigo

João Rogério Alves  
Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa  
[joaoalves@epagri.sc.gov.br](mailto:joaoalves@epagri.sc.gov.br)

Com a colheita de trigo encerrada no estado neste mês de novembro, o mercado de trigo segue em ritmo fraco, com baixo volume de negócios. Com a proximidade do final de ano, as agroindústrias moageiras estão reduzindo suas atividades e fazendo seus balanços, desaquecendo significativamente o mercado de farinhas e farelo de trigo. Já para o trigo grão, o preço da saca de 60kg pago ao produtor (mercado balcão) teve ligeira alta na comparação entre os meses de outubro e novembro para os principais estados produtores: em Santa Catarina, alta de 2,32%; no Paraná, alta de 3,22%; e em São Paulo, pequena alta de 0,33%. Em nosso estado, na comparação entre novembro de 2016 e novembro de 2017, observamos que os preços praticados atualmente estão 1,81% menores do que aqueles praticados há um ano. A tendência para os próximos meses é de mercado sem grandes alterações, a maioria dos moinhos da região sul estão bem abastecidos até final do ano.

**Trigo Grão – Preços médios pagos ao produtor safra 2017/18 – R\$/saca de 60kg**

| Estado            | out/17 | nov/17 | variação (%) | nov/16 | variação (%) |
|-------------------|--------|--------|--------------|--------|--------------|
| Santa Catarina    | 32,79  | 33,55  | 2,32         | 34,17  | -1,81        |
| Paraná            | 32,34  | 33,38  | 3,22         | 34,47  | -3,16        |
| Rio Grande do Sul | 30,30  | 30,30  | 0,00         | 31,07  | -2,48        |
| São Paulo         | 36,35  | 36,47  | 0,33         | 36,38  | 0,25         |

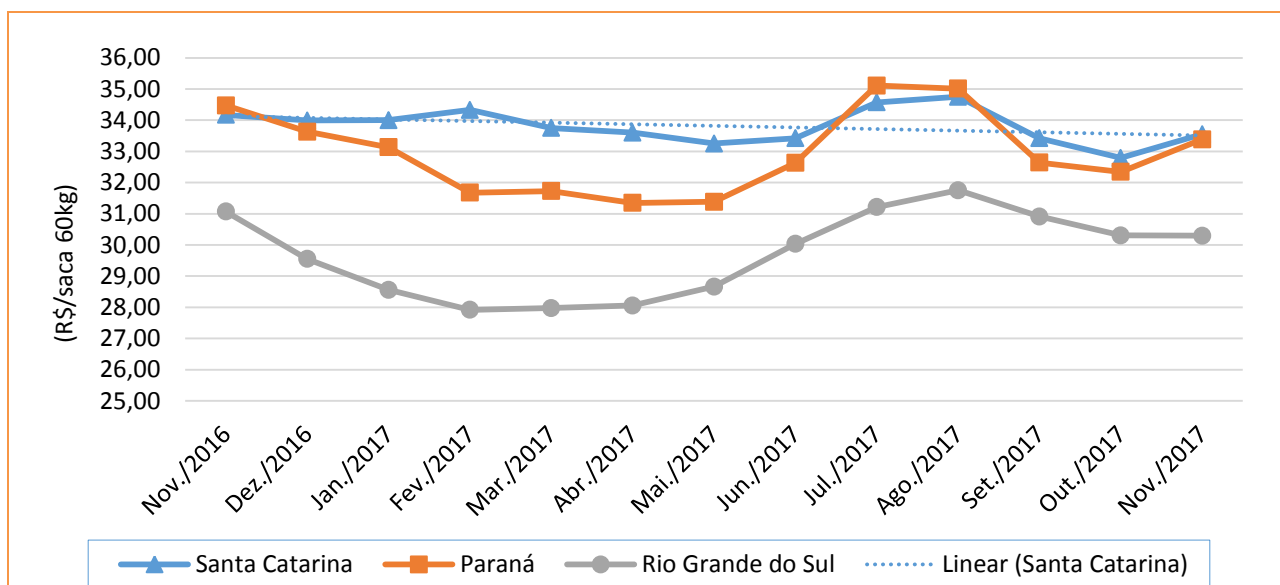
Nota: SC e PR - Trigo Pão PH78, RS e SP - Trigo em Grão Nacional.

Fonte: Epagri/Cepa (SC), SEAB/Deral (PR), Agrolink (RS e SP).

Em relação à qualidade e quantidade do grão da safra recém colhida, como já ressaltamos no boletim do mês passado, boa parte das lavouras colhidas em outubro foram semeadas em meados de junho, quando um período de estiagem assolou as principais regiões produtoras de grãos no estado, resultando em colheitas com qualidade dos grãos ruins e rendimento bem abaixo do esperado. Contudo, o trigo colhido em novembro, proveniente de um período de plantio sem problemas de escassez de água, demonstraram melhores resultados, com grãos de boa qualidade e peso hectolítrico dentro dos padrões aceitáveis pelos moinhos para um trigo de primeira (PH78). Esse segundo período de colheita do trigo, de certa forma amenizou um pouco os prejuízos nesta sofrível safra de trigo 2017/18. A pequena elevação nos preços pagos aos produtores neste início de novembro se deve em parte a melhor qualidade do trigo colhido nesse período, fazendo com que os moinhos dessem prioridade para o trigo local de boa qualidade em detrimento do trigo argentino. No Paraná a safra de trigo também já encerrou, segundo o Departamento de Economia Rural do Paraná - Deral, a redução na área plantada foi de 13%, redução também na produção na ordem de 37%, assim como no rendimento em cerca de 27%. Esses números percentuais estão bastante próximos aos levantados pelo Epagri/Cepa para Santa Catarina, até o momento nossos levantamentos confirmam que teremos uma redução da área plantada no estado de cerca de 25%, na produção redução de 38%, e no rendimento redução de 18%.

Analisando o comportamento de preços nos últimos 12 meses podemos observar uma linha de tendência de queda nos preços pagos aos produtores em Santa Catarina. Com uma safra cerca de 38% inferior à safra passada, motivada por problemas de ordem climática, o que se esperava é que os preços subissem, mas isso não aconteceu, nem sempre a falta de oferta no mercado interno faz com que os preços se elevem. Somos tradicionais compradores de trigo do mercado externo, e nos últimos anos especialmente do mercado Argentino. O trigo é uma *commodity*, para que o produtor brasileiro tenha uma melhor

remuneração pelo sua produção, deverá contar com uma elevação do dólar, aspecto que favorecerá o produtor brasileiro e catarinense, na medida em que os compradores brasileiros certamente darão prioridade para compras de trigo de boa qualidade no mercado interno.



Fonte: Epagri/Cepa.

**Trigo Grão – Evolução do preço nominal – Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul (nov./2016 – nov./2017)**

Importações: em relação às importações de trigo grão, farinhas e derivados, no mês de outubro elas somaram 467 mil toneladas, contra as 660 mil toneladas comprados em setembro, redução de cerca de 29% no volume de importações. Em outubro a Argentina foi responsável por cerca de trigo 92% de todo trigo importado pelo Brasil. Santa Catarina acompanhou essa tendência nacional de redução no volume de importações de trigo, entre setembro e outubro a redução foi de 47%, se compararmos o mês de outubro de 2017 com outubro de 2016, houve redução significativa de 97%. É bom lembrar que em 2016 tivemos uma boa safra de trigo, e mesmo assim as importações foram elevadas, este ano com uma safra comprometida pelo clima e pelos baixos preços pagos ao produtor, as importações foram muito inferiores, aspecto que nos leva a crer numa significativa queda no consumo de produtos como pães, massas e biscoitos.

## Hortaliças

### Alho

Jurandi Teodoro Gugel  
Engenheiro-agrônomo - Epagri/Cepa  
[jurandgugel@epagri.sc.gov.br](mailto:jurandgugel@epagri.sc.gov.br)

#### Colheita finalizada em Santa Catarina

A safra catarinense de alho 2017/18, segundo dados da Epagri/Cepa, é cultivada em 2.500 ha de área plantada, perfazendo uma participação superior a 22% da área em produção no Brasil. O incremento de área em Santa Catarina foi em torno de 20% em relação à safra anterior, como efeito positivo nos resultados da safra 16/17.

A produção de alho no estado tem características importantes e especiais quando observada sob o prisma socioeconômico, pois é uma cultura essencialmente comandada por agricultores familiares, cultivada em pequenas áreas de produção, porém é uma atividade de alta densidade econômica. Este perfil de produtores e produção, caracteriza o diferencial e a importância da atividade, sendo geradora de oportunidades de renda, absorvendo mão-de-obra familiar e contratada e, movimentando as economias locais de municípios que têm sua base econômica nas atividades primárias.

Como de conhecimento, em Santa Catarina, tivemos nos meses de setembro e outubro, generalizadamente, baixas precipitações e por consequência as lavouras apresentaram alguns problemas fitossanitários próprios dessa condição, como fusarioses e nematoides, já relatado no boletim anterior. Também como consequência da condição enfrentada, as primeiras lavouras colhidas apresentaram bulbos um pouco menores de forma geral, porém de cor e consistência muito boas.

Segundo levantamentos da Epagri/Cepa a safra do alho nas regiões de Curitibanos e Joaçaba, principais do estado, está 100% colhida. Como registrado noutros momentos, a ocorrência de estiagem em períodos importantes do desenvolvimento vegetativo da cultura, trouxe algumas perdas aos produtores. De forma geral pode-se afirmar que houve elevação dos custos de produção em função da necessidade de uso intenso da irrigação. Outros aspectos que influenciaram ou caracterizaram a presente safra foram a ocorrência de algumas doenças, típicas nessas condições climáticas e a diminuição do tamanho dos bulbos, tendo como consequência a redução da produtividade por área.

Fruto do esforço e determinação de produtores, técnicos e pesquisadores, a cultura do alho teve diferentes incrementos em seu processo produtivo nos últimos anos, desde o manejo, cuidados com o solo, uso de materiais de melhor qualidade e sanidade e por outro lado, houve melhorias da infraestrutura nas propriedades dos agricultores, especialmente na incorporação da irrigação em praticamente todas as unidades. De qualquer forma, mesmo com esses esforços, os efeitos da estiagem, como salientado acima pode ser constatado claramente. Um diagnóstico mais amplo e completo deverá ser feito nos próximos meses.

Como temos registrado constantemente neste espaço, a cultura do alho em Santa Catarina vem sendo produzida por produtores que têm realizado importantes investimentos seja do ponto de vista de conhecimentos técnico-produtivos, de infraestrutura produtiva nas unidades de produção e estrategicamente na organização e articulação associativa para acesso mais direto aos mercados nacionais como é o caso, dentre outros, da Cooperativa COPAR de Frei Rogério.

Embora em termos de mercado para a safra catarinense, até o momento ainda não tenha ocorrido movimentações importantes (pois os produtores estão ainda na manipulação do produto nos galpões, e em breve em início do processo de comercialização), a conjuntura e cenários de mercado devem apresentar

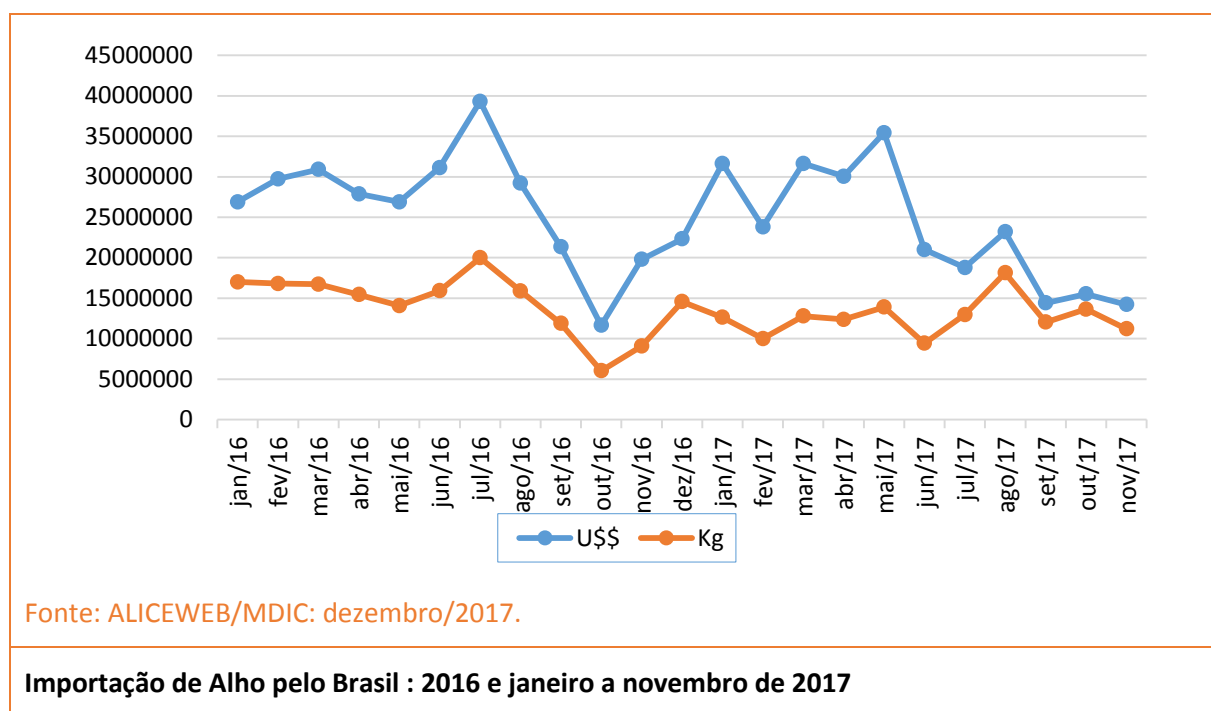
alguns desafios importantes, haja vista o patamar de preços das importações ter chegado em patamares diferentes e menores em relação ao ano passado. Essa perspectiva se dá em função do incremento geral da área plantada nos principais países produtores exportadores do produto, como China com 20% e Argentina próximo disso também. Nesse sentido, os produtores devem ficar atentos para a boa classificação e acondicionamento da produção, de modo a conquistar o consumidor pela qualidade, boa aparência e imagem do produto catarinense que é de excelente qualidade.

Com relação ao mercado internacional, o Brasil é o segundo maior importador mundial de alho, conforme a FAO/2013. As importações de janeiro a novembro de 2017 foram de 139,08 mil toneladas, contra um volume de 158,77 mil toneladas no mesmo período de 2016.

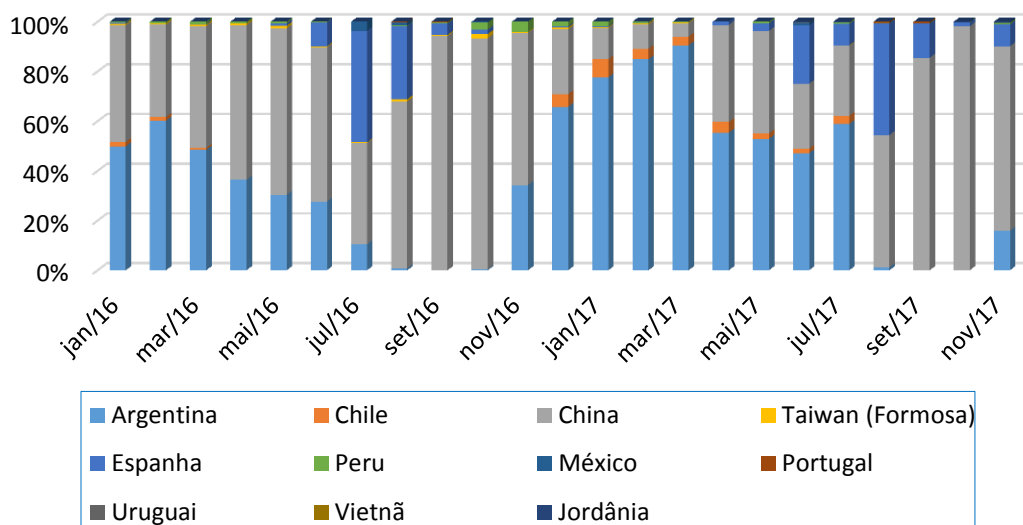
No período de janeiro a novembro de 2016, comparativamente ao mesmo período de 2017, a redução nas importações em volume foi de 12,40% (Tabela)

O preço médio por Kg de alho internalizado no mês de novembro/17 foi de US\$ 1,27/kg, preço muito abaixo do praticado em novembro de 2016, quando o custo por Kg de alho internalizado foi de US\$ 2,18 por Kg. Desse modo, fica demonstrado claramente que a conjuntura de comercialização para o alho no período próximo é de acirramento na disputa pelo mercado.

A internalização do alho importado, cujo volume foi de 11,20 mil toneladas no mês de novembro/17, teve um custo total registrado de US\$ 14,22 milhões, conforme pode ser visto na figura abaixo.



Na figura abaixo se apresentam os países fornecedores de alho ao Brasil. No mês de novembro/17, o principal fornecedor foi a China com 8,31 mil toneladas, perfazendo 74,19% do total do alho importado. Os demais países foram, Argentina com 1,78 mil toneladas e a Espanha com 0,98 mil toneladas.



Fonte: ALICEWEB/MDIC: dezembro/2017.

**Participação dos países fornecedores de alho ao Brasil - mês a mês - 2016 a novembro de 2017**

Ainda em relação às importações, observa-se que a partir do mês de agosto até novembro do corrente ano, as importações superaram os volumes do mesmo período do ano passado. No quadrimestre de 2016 foram importadas 42,85 mil toneladas, contra 54,98 mil toneladas no mesmo período de 2017. O crescimento foi de 28,30 % quando comparado (Tabela). Estes dados podem estar sinalizando um quadro bastante diferente do vivido em 2016 e boa parte de 2017 em relação ao mercado de alho no Brasil.

No tocante ao custo total das importações, nos meses de janeiro a novembro de 2016, o custo da internalização do alho foi de US\$ de 276,357 milhões, contra US\$ 259,674 milhões em 2017. Porém o custo médio registrado por quilo saltou de US\$ 1,74/kg em 2016 para US\$ 1,86/kg nesse ano. Embora essa diferença esteja em declínio nesse período, ainda é 6,89 % superior em relação ao período comparado de 2016. Por outro lado, o que impacta concretamente de forma direta é que no último mês o alho importado chegou ao Brasil a US\$ 1,27/Kg. Esse quadro mostra uma tendência clara de que o mercado sinaliza acirramento na conjuntura da comercialização do produto com maior oferta especialmente do alho Chinês.

**Importações de alho pelo Brasil- Jan a nov de 2016 e 2017 (mil t)**

|      | Jan   | Fev.  | Març<br>o | Abril | Mai<br>o | Jun.  | Jul.  | Ago.  | Set   | Out   | Nov   | Total  |
|------|-------|-------|-----------|-------|----------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|--------|
| 2016 | 17,01 | 16,80 | 16,73     | 15,43 | 14,08    | 15,92 | 19,95 | 15,89 | 11,87 | 6,03  | 9,06  | 158,77 |
| 2017 | 12,63 | 10,00 | 12,79     | 12,38 | 13,90    | 9,43  | 12,97 | 18,12 | 12,02 | 13,64 | 11,20 | 139,08 |

Fonte: ALICEWEB/MDIC: dezembro/2017.

## Cebola

Jurandi Teodoro Gugel  
Engenheiro-agrônomo - Epagri/Cepa  
[jurandgugel@epagri.sc.gov.br](mailto:jurandgugel@epagri.sc.gov.br)

Aumento de imposto sobre importação é vitória da organização e pressão dos produtores de cebola do Brasil

Estado tradicional na produção de cebola, Santa Catarina mantém-se como o maior produtor nacional com área plantada, nessa safra, superior a 21 mil ha conforme o acompanhamento de safra a campo realizado pela Epagri/Cepa-junho/17. A safra 2017/18 da cebola catarinense está em pleno ritmo de colheita em todas as regiões produtoras acompanhadas pela Epagri/Cepa. Conforme esses levantamentos de campo nas regiões de Ituporanga e Rio do Sul, a colheita já atingiu, na última semana, 85 a 90% da área em produção.

Em relação à safra anterior, a área plantada com cebola precoce tem aumentado significativamente, e associada às condições climáticas do período de desenvolvimento da cultura propiciaram uma certa aceleração do desenvolvimento da cultura com antecipação do estágio da maturação e, obviamente, da colheita da hortalíça. Como consequência, a produção catarinense chega ao mercado antes do período que normalmente era esperado e coincidente com um alongamento da oferta da safra nordestina, especialmente Minas e Bahia. Isso tem influenciado para que o mercado esteja nas últimas semanas com pouco movimento.

A expectativa é de que nas próximas semanas esta questão inicie trajetória de melhorias de mercado para os produtores catarinenses. Esta constatação é possível em função da finalização efetiva da comercialização das safras de regiões tradicionais de produção que citamos acima.

Como registrado em boletins anteriores, a safra atual desenvolveu-se em condições climáticas adversas especialmente pela falta de chuvas nas principais regiões produtoras. Esse evento tem proporcionado como consequência a elevação do custo de produção pela necessidade de uso da irrigação em larga escala em todas as regiões produtoras. Outro fator importante foram às condições climáticas em geral, como temperaturas elevadas no mês de setembro que contribuíram para acelerar o desenvolvimento vegetativo das plantas e maturação “antecipada” dos bulbos, levando a formação de bulbos menores do que era esperado para os materiais usados para produção. Como consequência, o produto ofertado ao mercado nessa safra terá maior volume de cebola tipo 2, porém o produto é de boa qualidade.

Embora a infraestrutura de produção nas propriedades tradicionais de produção de cebola esteja em muitos casos bastante adequada para enfrentar dificuldades provocadas pela falta de chuvas, com alguns municípios tendo até 90% da área plantada com irrigação, esta condição não garantiu plena safra, em volume e tamanho dos bulbos. De qualquer forma, mesmo com queda na produção os problemas foram amenizados em grande parte das propriedades.

O Acompanhamento de safras da Epagri/Cepa indica que nas principais regiões de produção de cebola em Santa Catarina a produção dessa safra deverá ter uma redução de 20 a 25%, em relação às estimativas iniciais, cuja previsão era de pouco mais de 539 mil toneladas. Com a estimativa de redução, a produção catarinense deverá atingir entre 430 e 450 mil toneladas.

Em relação ao preço pago aos produtores, nas regiões de Ituporanga e Rio do Sul, centro da produção catarinense, o mesmo tem girado na última semana entre R\$ 15,00 e R\$ 16,00 por saca de 20Kg. A expectativa é de melhora nas próximas semanas.

Quanto ao mercado nacional, o início e intensificação da oferta da produção sulista interferiu nas cotações da hortalíça de forma geral, visto que houve certa antecipação da colheita no Sul e por consequência de oferta antes da fase final de comercialização da cebola do Nordeste. Essa conjuntura, segundo o CEPEA, implicou na redução de preços da hortalíça na região de Irecê, chegando a R\$ 13,00 a saca de 20Kg beneficiada da caixa 3, na semana de 04 a 08/12, redução de 10,3% em relação à semana anterior, segundo a mesma fonte.



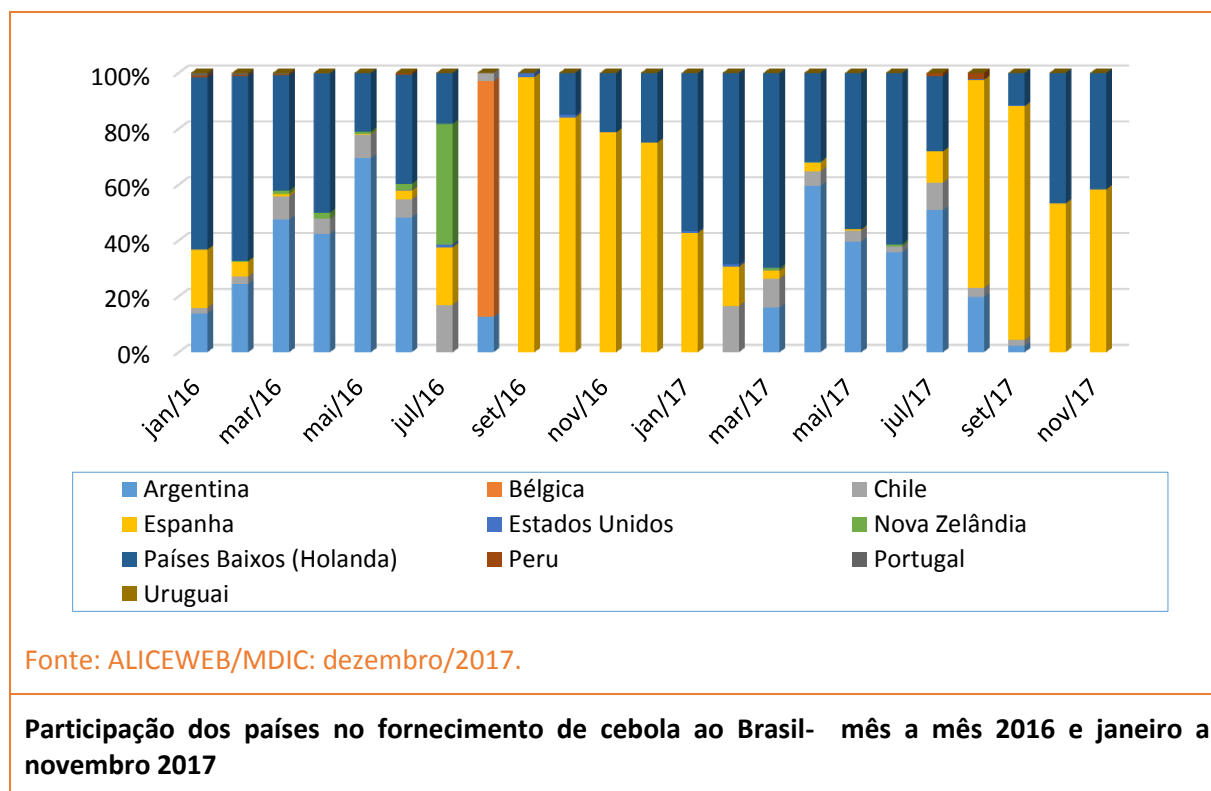
Na CEAGESP, maior central nacional de abastecimento, a hortaliça foi comercializada na última semana de novembro com cotações que giraram de R\$ 1,57 a R\$ 1,67 por kg para a cebola média, preço pouco superior ao mesmo período do mês anterior, porém com redução para R\$ 1,37 a R\$ 1,57 no início desta semana.

A grande novidade desse período com consequências importantes e positivas para pelo menos os próximos três anos para cadeia produtiva da cebola como um todo, é a vitoriosa ação dos produtores brasileiros, que através de sua associação nacional – ANACE - conseguiram a aprovação junto a CAMEX - Órgão do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comercio Exterior, na data de 05/12 do corrente, a taxa das importações de cebola oriundas de países não pertencentes ao Mercosul em 25% para o ano de 2018, 20% para o ano de 2019 e 15% para o ano de 2020.

A publicação no DOU – Diário Oficial da União deverá ocorrer em período próximo para atender as formalidades processuais e legais inerentes.

Para o presidente da Associação dos Produtores de Cebola de Santa Catarina – APROCESC – Luís Carlos Laurindo o fato é uma vitória importante do setor, mas os produtores estavam pleiteando uma taxa de 35%. Segundo Laurindo, esse seria o patamar que colocaria a cadeia produtiva numa situação de viabilidade para seus produtores.

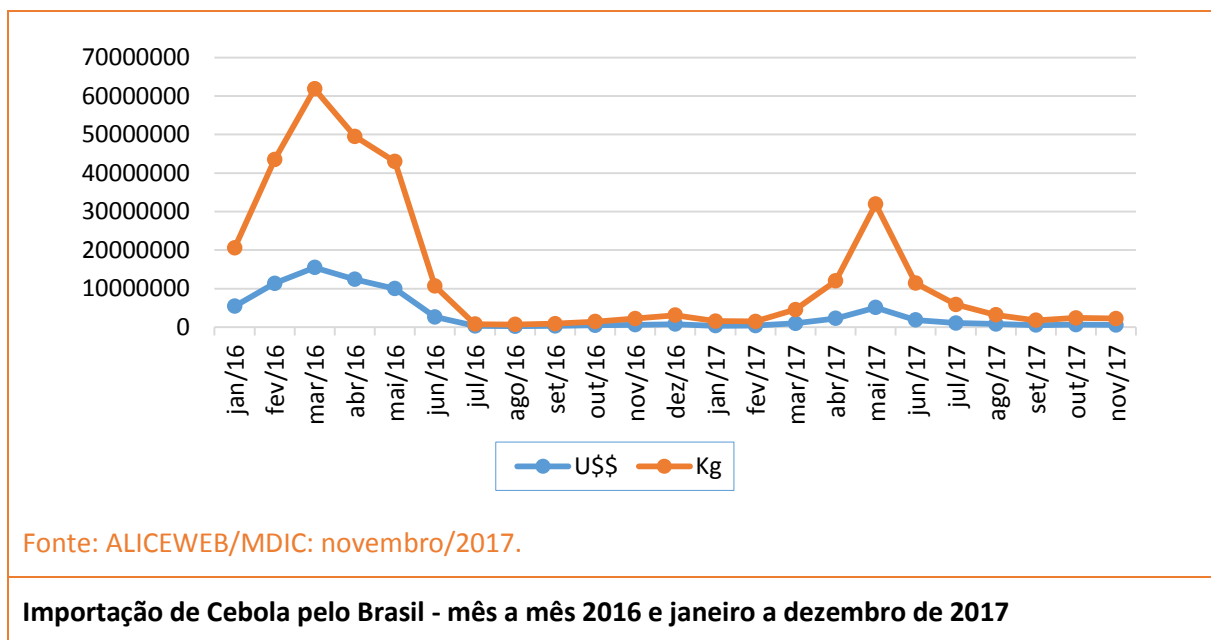
De qualquer forma, a luta política deve seguir pressionando os órgão responsáveis e por outro lado, os produtores e os demais componentes da cadeia produtiva devem buscar e fazer o “dever de casa” para que findo esse período, a produção brasileira de cebola alcance um grau de eficiência produtiva e competitividade capaz de fazer frente aos desafios do mercado, viabilizando a produção nacional de cebola e cujo resultado propicie sustentabilidade na produção, justa remuneração com prosperidade ao conjunto dos componentes da cadeia produtiva.



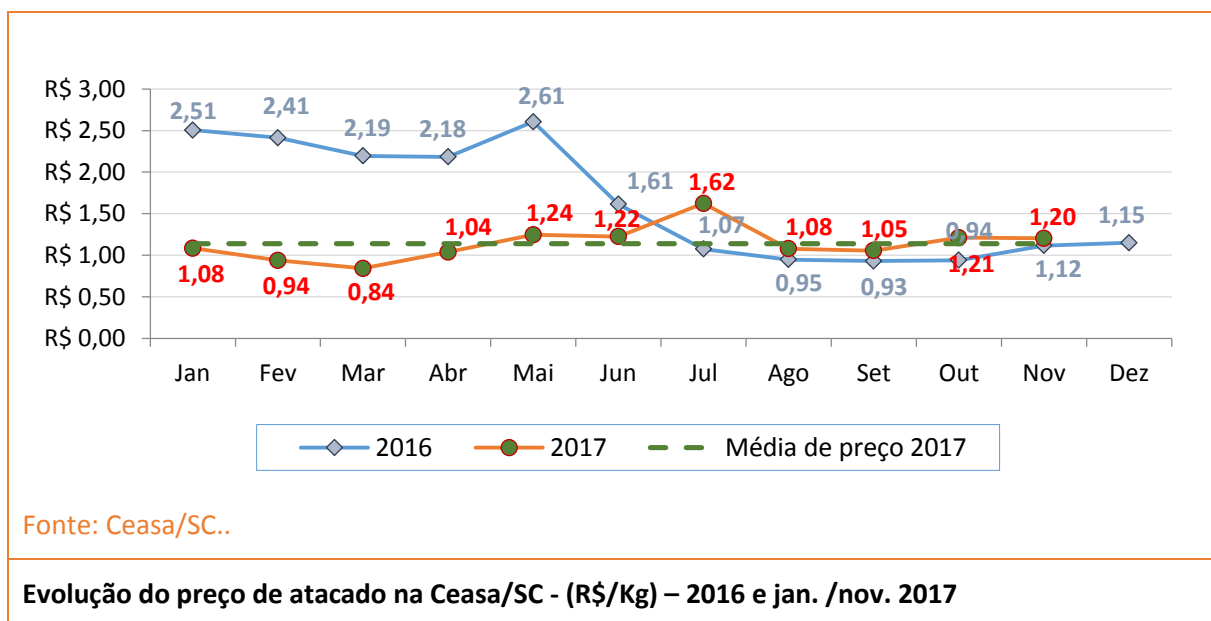
A importação de cebola pelo Brasil no mês de novembro foi comandada pela entrada de cebola espanhola e holandesa como pode ser visto no gráfico acima, cujo volume foi de 1,67 mil toneladas e dispêndio de US\$ 0,547 milhão de custo para o país.



Comparando-se os primeiros onze meses de 2016 com o mesmo período de 2017, as importações de cebola pelo Brasil foram de 175,759 mil toneladas e 63,791 mil toneladas, respectivamente. Uma queda de 63,70% no período. Esses números refletem a grande oferta interna do produto patrocinada pela super safra de cebola brasileira de 2016/17, em todas as tradicionais regiões produtoras brasileiras.

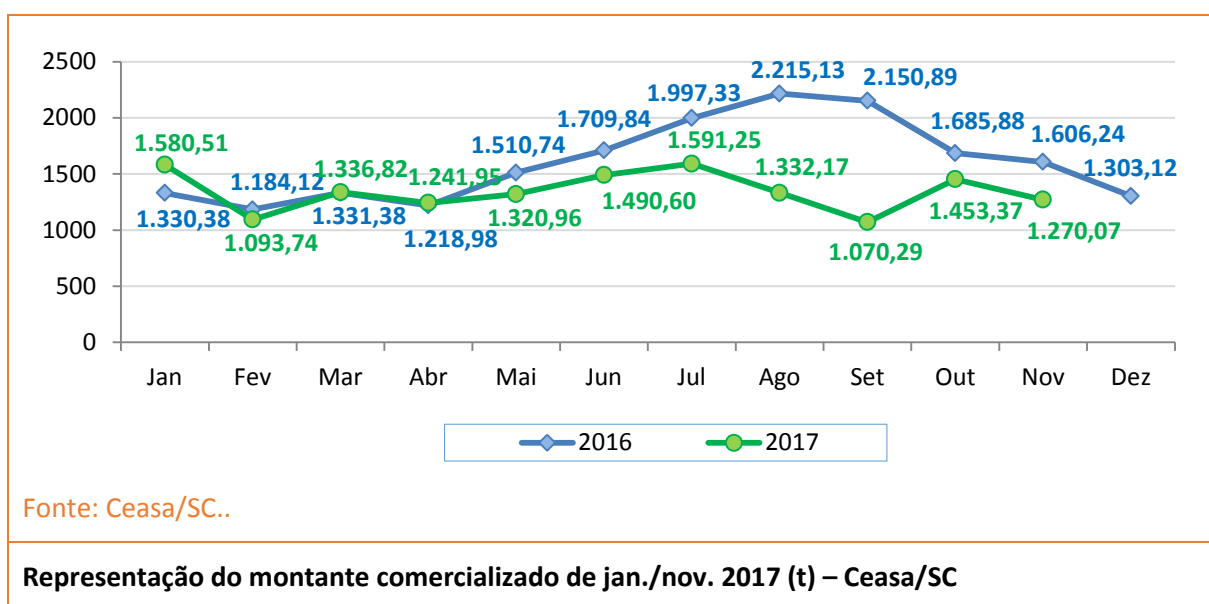


No mercado atacadista da Ceasa/SC – Unidade de São José, no mês de novembro, houve praticamente a manutenção do preço do mês anterior. O mês fechou com preço médio ponderado de R\$ 1,21/kg, conforme pode ser visto na figura abaixo.



Em termos de desempenho da comercialização de cebola no atacado na Unidade da Ceasa/SC – Unidade de São José, o volume comercializado no mês de novembro de 2017 teve uma redução de 183,3 toneladas em comparação ao mês anterior e 336,17 toneladas a menos, quando comparado ao mês de novembro de 2016.

No mês de novembro/2017, foram comercializadas 1.270,07 toneladas do produto. O ano de 2017, como pode ser visto abaixo, apresenta desde o mês de maio importante redução do volume comercializado na unidade de abastecimento. Essas dinâmicas têm maior relação com horário de funcionamento a forma de atuação dos atacadistas que atuam na central com negócios realizados mais diretamente com as redes de varejo, do que qualquer outra variável como queda de consumo, por exemplo.



## Produtos vegetais

### Fumo

Luis Augusto Araujo

Eng. Agrônomo, M.Sc - Epagri/Cepa

[laraujo@epagri.sc.gov.br](mailto:laraujo@epagri.sc.gov.br)

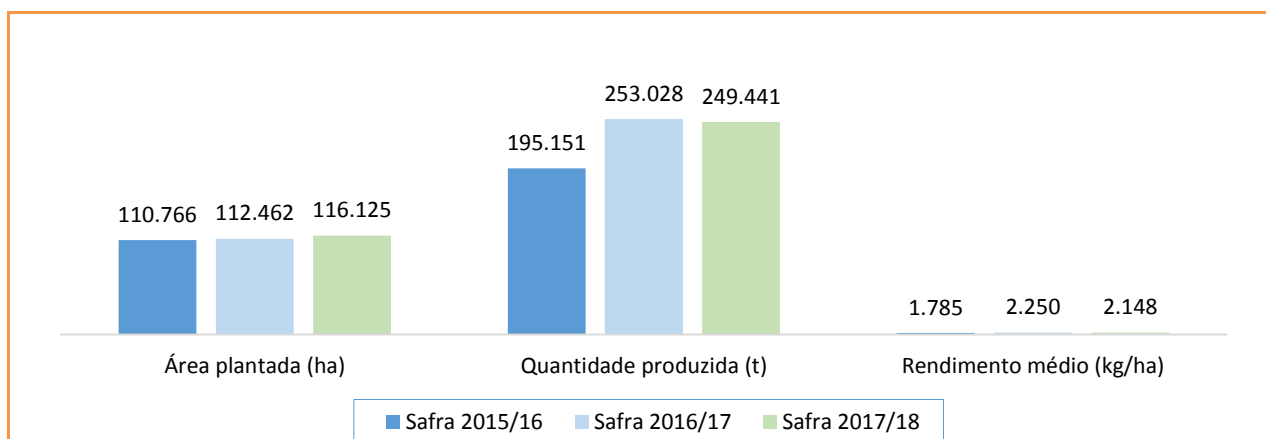
O tabaco concentra 98% de sua produção na região Sul do Brasil, sendo realizada em regime de integração com a indústria.

Em 2017, a produção de tabaco de Santa Catarina contribuiu para que o Brasil mantenha-se como maior exportador mundial de tabaco dos últimos 25 anos e para a existência de 100 anos da produção Integrada de tabaco em território nacional. Em Santa Catarina, as indústrias de beneficiamento e industrialização de tabaco estão localizadas nas cidades Araranguá e Blumenau (SC).

#### A produção catarinense

Em termos de área plantada, a safra 2017/18 experimentou uma expansão de 3,2% em relação à safra 2016/17 e 4,8% em comparação à safra 2015/16.

A expectativa de rendimento atual para a safra 2017/18 é ligeiramente inferior àquela obtida em 2016/17, em 4,5%. A safra anterior, 2015/16, experimentou uma quebra de produção em decorrência do excesso de chuvas nos meses de setembro e outubro de 2015 e da ocorrência de granizo em importantes áreas produtoras. Este fato contribuiu decisivamente para o aumento de 29,6% do rendimento médio obtido na safra 2016/17 quando comparada à safra 2015/16.



Fonte: Epagri/Cepa; LSPA - Levantamento Sistemático da Produção Agrícola, Nov. 2017 – IBGE.

**Safra 2015/16, safra 2016/17 e estimativa para a safra 2017/18 (Epagri/Cepa)**

Em decorrência desses fatos, a produção esperada para a safra de fumo corrente é ligeiramente inferior àquela obtida na safra anterior, em 1,4%. Nesse contexto, apesar da queda do rendimento esperado, o aumento da área plantada minimizou a expectativa de queda na produção de tabaco para a safra corrente.

### O preço e as regiões produtoras

A exemplo do que ocorreu no ano anterior, o preço do tabaco para a safra 2017/2018 continua sem definição, após a primeira rodada de negociação ocorrida nos dias 06, 07 e 08 de dezembro. Esta rodada ocorreu na sede da Associação dos Fumicultores do Brasil (Afubra), em Santa Cruz do Sul/RS e estiveram presentes os representantes de 10 empresas fumageiras e a comissão interestadual dos produtores, composta por membros da Afubra e das Federações dos Sindicatos Rurais (Farsul, Faesc e Faep) e dos Trabalhadores Rurais (Fetag, Fetaesc e Fetaep).

As três principais regiões produtoras de fumo em Santa Catarina, as regiões de Canoinhas, Rio do Sul e Ituporanga devem contribuir com 68,9% da produção total e com 64,4% da área plantada no território catarinense. Nessas três microrregiões, segundo últimas estimativas do Epagri/Cepa, estima-se a produção de 171.810 toneladas, do total de 249.441 toneladas de fumo esperadas para Santa Catarina.

Além disso, 93,7% da produção estadual do tabaco tem sua origem em oito microrregiões, de um total de vinte: Canoinhas, Rio do Sul, Ituporanga, Tubarão, Araranguá, Criciúma, São Miguel do Oeste e Chapecó. Em outro sentido, três microrregiões não produzem o tabaco: Florianópolis, Itajaí e Joinville.

| Microrregião          | Estimativa para a safra 2017/18 |                          |                          |
|-----------------------|---------------------------------|--------------------------|--------------------------|
|                       | Área plantada (ha)              | Quantidade produzida (t) | Rendimento médio (kg/ha) |
| <b>Santa Catarina</b> | <b>116.125</b>                  | <b>249.441</b>           | <b>2.148</b>             |
| Araranguá             | 7.587                           | 12.537                   | 1.652                    |
| Blumenau              | 601                             | 1.329                    | 2.211                    |
| Campos de Lages       | 881                             | 1.756                    | 1.993                    |
| Canoinhas             | 38.735                          | 95.998                   | 2.478                    |
| Chapecó               | 5.661                           | 10.366                   | 1.831                    |
| Concórdia             | 104                             | 206,75                   | 1.988                    |
| Criciúma              | 5.752                           | 10.950                   | 1.904                    |
| Curitibanos           | 610                             | 1.105                    | 1.812                    |
| Ituporanga            | 14.270                          | 29.675                   | 2.080                    |
| Joaçaba               | 863                             | 1.279                    | 1.482                    |
| Rio do Sul            | 21.747                          | 46.137                   | 2.122                    |
| São Bento do Sul      | 950                             | 2.159                    | 2.273                    |
| São Miguel do Oeste   | 5.505                           | 10.876                   | 1.976                    |
| Tabuleiro             | 1.013                           | 1.970                    | 1.945                    |
| Tijucas               | 2.840                           | 4.499                    | 1.584                    |
| Tubarão               | 8.360                           | 17.150                   | 2.051                    |
| Xanxerê               | 646                             | 1.449                    | 2.243                    |

Fonte: Epagri/Cepa

O rendimento médio estadual estimado de 2.148 kg/ha, oscila entre um mínimo de 1482 kg/ha na microrregião de Joaçaba e um máximo de 2478 kg/ha na microrregião de Canoinhas.

## Pecuária

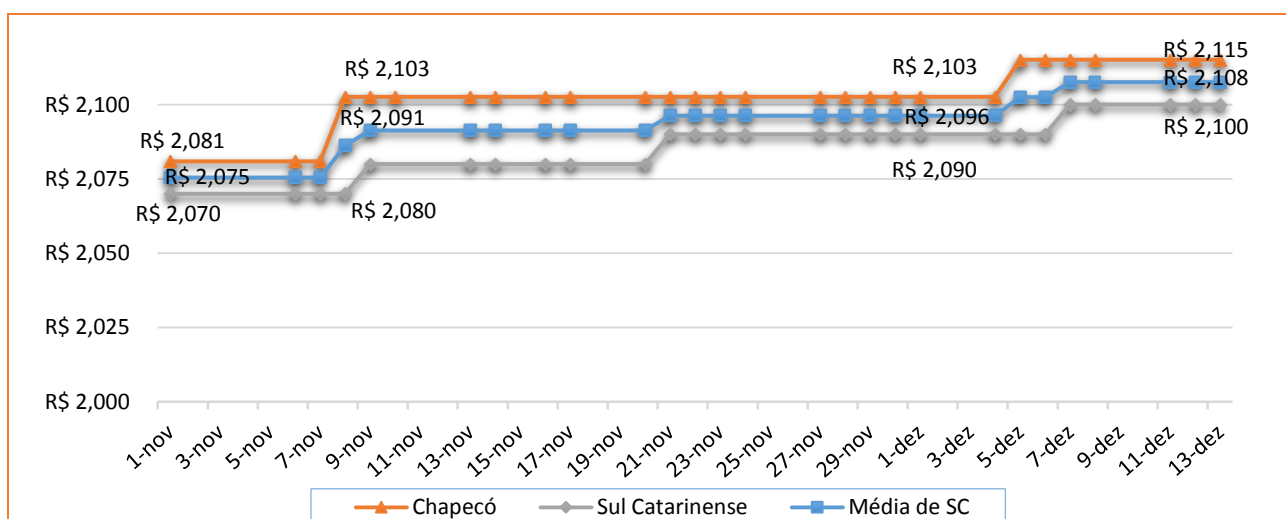
### Avicultura

Alexandre Luís Giehl  
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa  
[alexandre.giehl@epagri.sc.gov.br](mailto:alexandre.giehl@epagri.sc.gov.br)

Nas últimas semanas os preços do frango vivo em Santa Catarina mantiveram o movimento de alta iniciado em setembro. Embora sejam variações pequenas, esse processo tem mostrado consistência, possibilitando a recuperação de pelo menos parte das perdas registradas até agosto.

No início de novembro ocorreu variação de 1,04% na praça de Chapecó, permanecendo o preço inalterado no restante do mês. Na primeira semana de dezembro foi observado novo aumento, dessa vez de 0,59%. Com isso, o preço médio preliminar de dezembro encontra-se 0,63% acima da média de novembro.

O comportamento do preço do frango vivo no Sul Catarinense foi muito semelhante ao de Chapecó, com exceção do fato de que naquela praça foram observadas duas variações em novembro ao invés de uma. Com isso, o preço médio preliminar de dezembro está 0,64% acima da média de novembro.



(<sup>1</sup>) Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da indústria.

Fonte: Epagri/Cepa.

**Frango vivo – Preço médio nominal<sup>(1)</sup> diário para avicultores de duas regiões de Santa Catarina e média estadual – 1/nov. a 13/dez./2017**

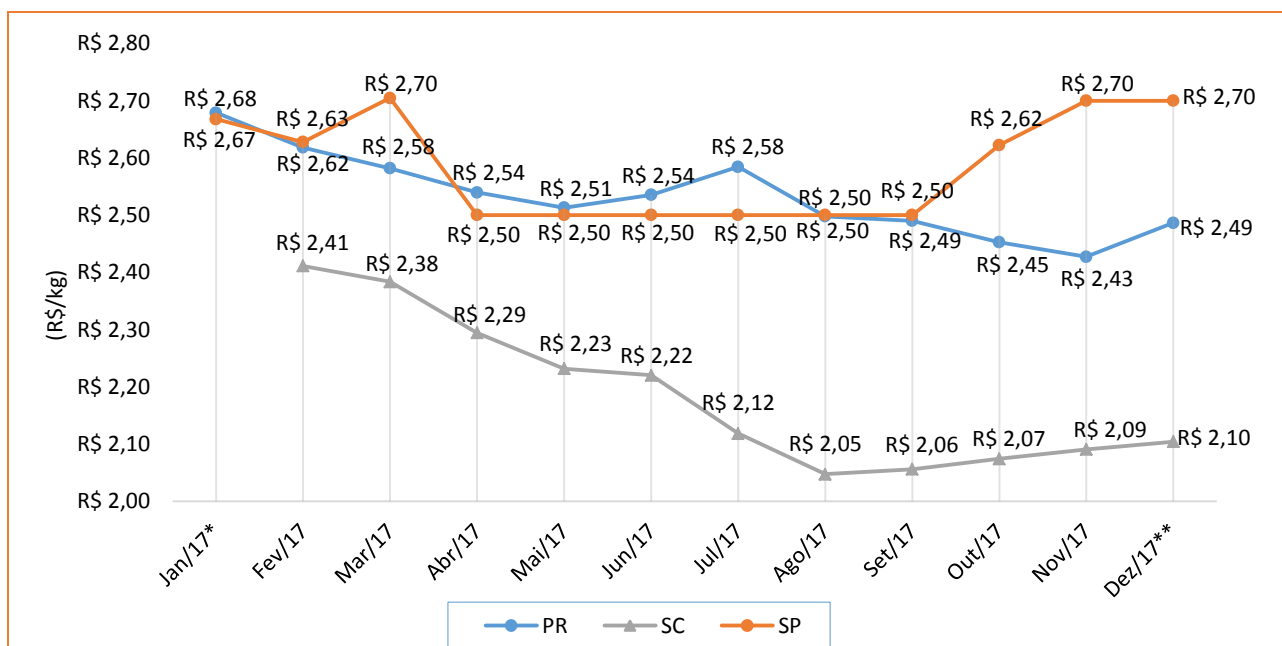
Na comparação com 13 de março (último levantamento realizado antes da deflagração da Operação Carne Fraca), os preços diários de 13 de dezembro (data de finalização deste artigo) apresentavam variações de -10,12% em Chapecó, -13,22% no Sul Catarinense e -11,69% na média estadual.

O preço médio estadual (preliminar) de Santa Catarina no mês de dezembro de 2017 é 13,80% menor que o valor praticado no mesmo período de 2016, devendo-se somar a essa defasagem a inflação acumulada nos últimos 12 meses, que foi de 1,95% (INPC/IBGE).

Quando se analisa o comportamento dos preços em dois outros importantes estados produtores (Paraná e São Paulo), verifica-se mais uma vez comportamentos um pouco distintos entre os mesmos. No Paraná, assim como em Santa Catarina, registra-se aumento no preço preliminar de dezembro em relação ao mês anterior. A variação de 2,44%, que por si só já é significativa, ganha ainda mais relevância quando se

observa que nos 4 meses anteriores ocorreram quedas nos preços médios paranaenses. Contudo, em relação a dezembro de 2016 ainda se mantém uma defasagem de 15,93%.

Já em São Paulo, após o preço médio subir expressivamente em outubro, voltou a estagnar em novembro e dezembro. O valor atual (R\$2,70/kg) é o mesmo praticado em março deste ano. Mas ele está 11,13% mais baixo que o preço de dezembro de 2016.



(<sup>1</sup>) Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da agroindústria.

\* Não há dados de Santa Catarina para o mês de janeiro/2017.

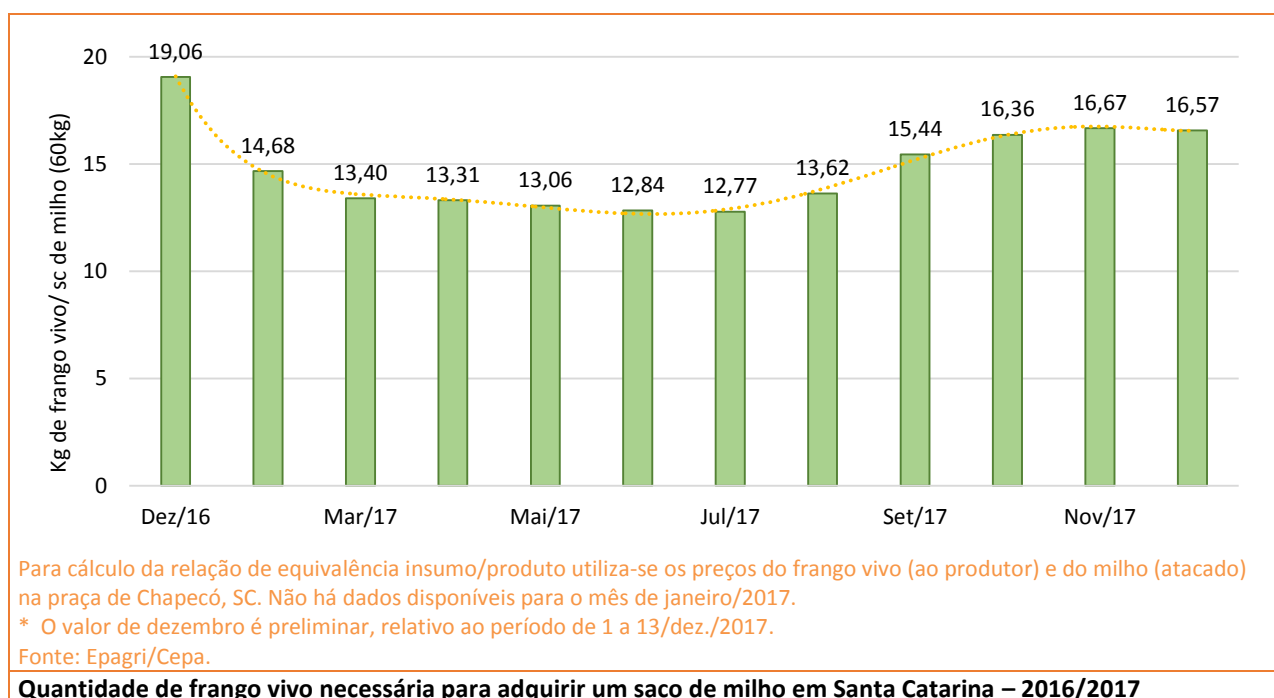
\*\* Os valores de dezembro são preliminares, relativos ao período de 1 a 13/dez./2017.

Fonte: Epagri/Cepa (SC); IEA (SP); SEAB (PR).

**Frango vivo – Preço médio nominal<sup>(1)</sup> mensal para avicultores em Santa Catarina, São Paulo e Paraná – 2017**

Em novembro o Índice de Custos de Produção do Frango (ICPFrango), calculado pela Embrapa Suínos e Aves, apresentou elevação de 0,73%, terceira variação positiva deste ano. Esse resultado decorre basicamente do aumento dos gastos com nutrição (0,68%). No acumulado de 12 meses, contudo, observa-se queda de 13,18% nos custos.

Após quatro meses seguidos de elevação na relação de equivalência insumo/produto, os dados preliminares de dezembro apresentam uma ligeira queda nesse indicador calculado pela Epagri/Cepa (-0,62%). Na comparação com dezembro de 2016, registra-se variação de -13,06%.



**Quantidade de frango vivo necessária para adquirir um saco de milho em Santa Catarina – 2016/2017**

A queda na equivalência insumo/produto é resultante do aumento no preço do frango vivo, uma vez que o preço da saca de milho no atacado se manteve inalterado em Chapecó nas duas primeiras semanas de dezembro.

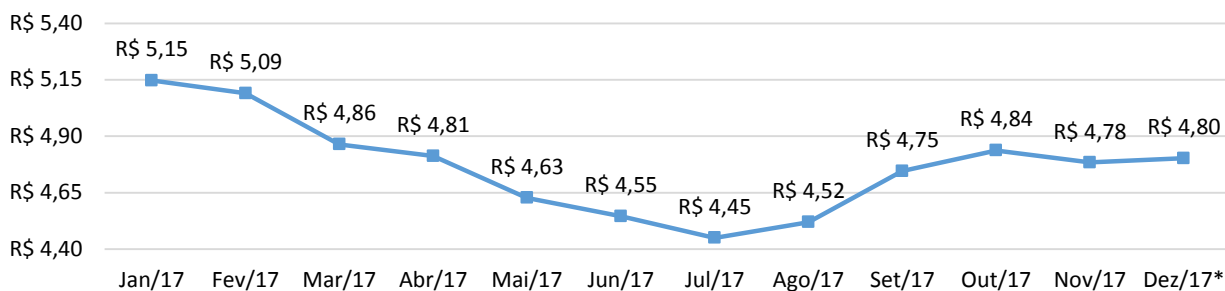
Recentemente a Conab divulgou o 3º Relatório de Acompanhamento da Safra Brasileira de Grãos 2017/18, que aponta perspectiva de redução na produção: -17,76% na 1ª safra, -0,31% na 2ª safra e -5,74% no total do ciclo. Essa projeção de queda foi um dos principais fatores responsáveis pelas variações positivas nos preços do milho observadas nos últimos meses.

Em Santa Catarina também são esperadas reduções significativas. Segundo estimativas da Epagri/Cepa para o mês de novembro, a 1ª safra deve ser de 2,60 milhões de toneladas, queda de 17,38% em relação ao ano anterior.

No mercado atacadista de Santa Catarina, na primeira quinzena de dezembro predominaram os aumentos dos preços da carne de frango. Dos quatro cortes acompanhados pela Epagri/Cepa, em três se observou variações positivas: coxa/sobrecoxa congelada (0,61%), peito com osso congelado (0,20%) e frango inteiro congelado (0,39%). Somente o filé de peito congelado apresentou queda: -1,43%.

No caso do frango inteiro, é possível perceber no gráfico a seguir que no primeiro semestre prevaleceu a tendência de queda. A partir de agosto passou a se registrar algumas recuperações nos preços, até uma relativa estabilização nos últimos três meses. Apesar desse movimento, quando comparamos o preço preliminar de dezembro deste ano com aquele praticado no mesmo mês de 2016, verifica-se variação de -9,70%.



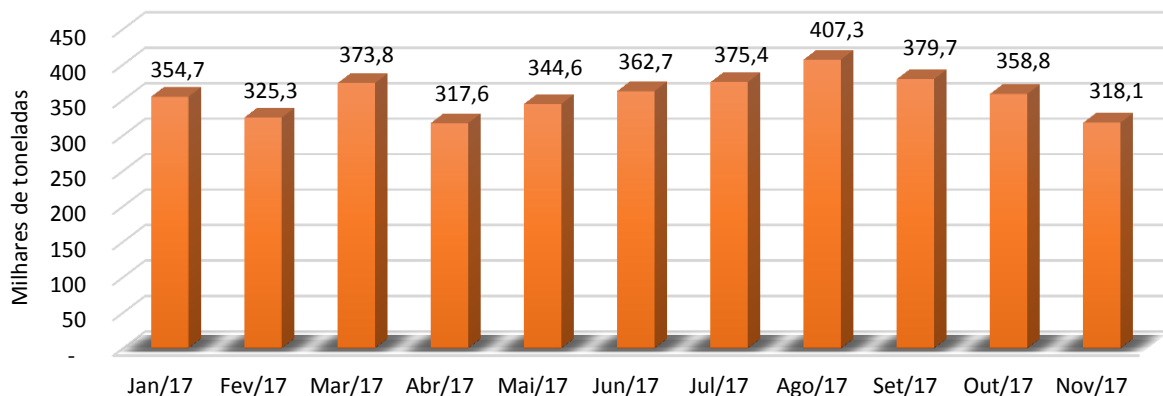


\* O valor de dezembro é preliminar, relativo ao período de 1 a 13/dez./2017.

Fonte: Epagri/Cepa.

#### Frango inteiro congelado – Preço médio mensal estadual em Santa Catarina – 2017

Em outubro o Brasil exportou 318,13 mil toneladas de carne de frango (*in natura* e industrializada), segundo pior resultado do ano. Esse montante representa uma queda de 11,33% em relação ao mês anterior e de 1,03% na comparação com novembro de 2016.



Fonte: MDIC/Aliceweb.

#### Exportações de carne de frango – Brasil – 2017

Em termos de receitas também se registrou variação negativa em novembro: US\$549,36 milhões, queda de 11,93% em relação a outubro. Contudo, quando comparado a novembro de 2016 registra-se alta de 5,65%.

Segundo nota da Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA), a diminuição do ritmo dos embarques é resultado de ajustes pontuais nas importações de determinados mercados do Oriente Médio e da União Europeia. Por outro lado, a entidade aponta um crescimento nas importações da África do Sul, Iraque, Líbia e Jordânia.

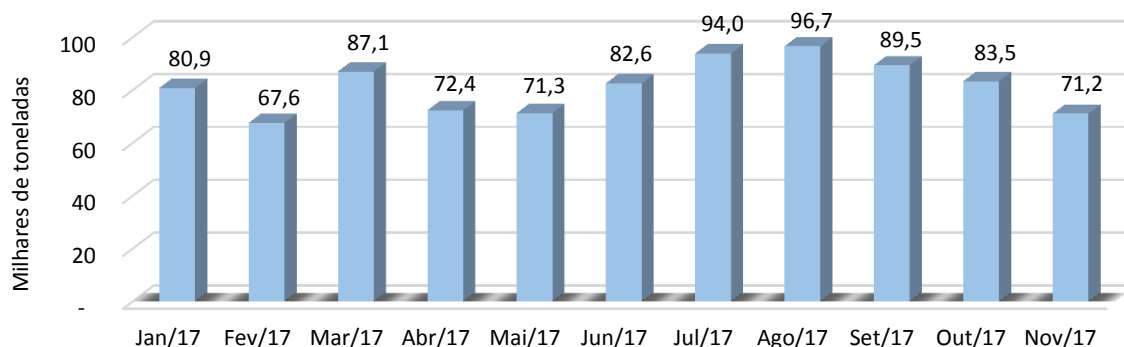
Apesar dos resultados negativos dos últimos meses, as receitas acumuladas de janeiro a novembro deste ano atingiram US\$6,62 bilhões, aumento de 6,89% em relação ao mesmo período de 2016. Já a quantidade de carne de frango exportada caiu 0,81%, totalizando até o momento 3,92 milhões de toneladas.

Os principais destinos externos da carne de frango brasileira em novembro foram Arábia Saudita, China e Japão, que juntos responderam por 35,09% das receitas do País com esse produto.

Segundo dados do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC), nas duas primeiras semanas de dezembro observou-se queda na média diária de embarques de carne de frango *in natura*, em relação a novembro: -6,44% em valor e -5,50% em quantidade. Quando se compara os valores de

dezembro deste ano com as médias diárias do mesmo mês de 2016, observa-se queda de 5,32% na quantidade exportado, mas aumento de 1,66% no valor.

Assim como as exportações nacionais, os embarques de carne de frango de Santa Catarina também registraram queda em novembro. Foram exportadas 71,16 mil toneladas, redução de 14,73% em relação ao mês anterior. Na comparação com novembro de 2016, o resultado também é negativo: -9,02%.



Fonte: MDIC/Aliceweb.

#### Exportações de carne de frango – Santa Catarina – 2017

Em novembro as exportações catarinenses de frango geraram receitas da ordem de US\$141,98 milhões, queda de 9,02% em relação ao mês anterior. Contudo, na comparação com novembro de 2016 verifica-se um aumento de 5,20%.

De janeiro a novembro as exportações catarinenses de carne de frango atingiram o montante de 896,64 mil toneladas, queda de 1,85% em relação a 2016. Já no caso das receitas o resultado é positivo: US\$1,68 bilhão, aumento de 7,93% em relação ao mesmo período do ano anterior.

Os três principais destinos da carne catarinense exportada em novembro foram Japão, China e Países Baixos (Holanda), responsáveis por 36,17% do valor das exportações do Estado.

#### Principais destinos das exportações de carne de frango – Santa Catarina – Novembro/2017

| País                   | Valor (US\$)          | Quantidade (t) |
|------------------------|-----------------------|----------------|
| Arábia Saudita         | 68.249.314,00         | 40.038         |
| China                  | 62.312.747,00         | 29.668         |
| Japão                  | 62.192.207,00         | 29.489         |
| Emirados Árabes Unidos | 41.898.720,00         | 23.625         |
| Hong Kong              | 31.545.738,00         | 19.918         |
| Demais países          | 283.161.847,00        | 175.394        |
| <b>Total</b>           | <b>549.360.573,00</b> | <b>318.132</b> |

Fonte: MDIC/Aliceweb.

Diferentemente do que vinha ocorrendo nos meses anteriores, em novembro as exportações para a China apresentaram aumento em relação ao mesmo mês do ano anterior: 13,71% em valor e 2,38% em quantidade.

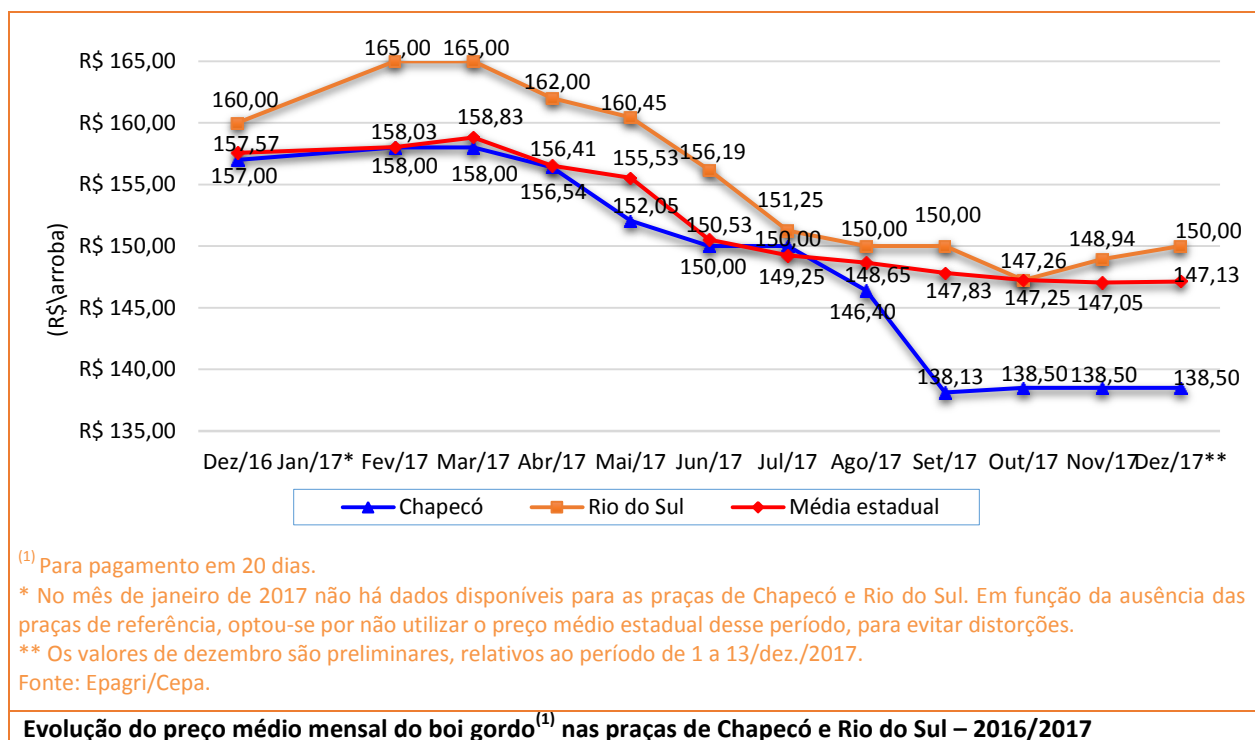
Uma notícia a ser comemorada pelos exportadores, em especial de Santa Catarina, é a reabertura do mercado filipino para as carnes brasileiras. As vendas de carnes para as Filipinas estavam embargadas desde setembro deste ano. Após uma missão técnica do governo filipino, houve mudança de posição. De janeiro a setembro deste ano, o Brasil exportou 35,45 mil toneladas de carne de frango para as Filipinas, gerando receitas de US\$ 19,2 milhões. Deste total, 67% foram produzidos em Santa Catarina.

## Bovinocultura

Alexandre Luís Giehl  
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa  
[alexandregiehl@epagri.sc.gov.br](mailto:alexandregiehl@epagri.sc.gov.br)

O mercado catarinense do boi gordo apresenta-se estável nas duas primeiras semanas de dezembro, com preço médio estadual preliminar (elaborado a partir dos preços de 8 praças de coleta) de R\$147,13/arroba. Esse valor é apenas 0,06% maior do que a média de novembro, mas interrompe um processo de oito meses consecutivos de quedas.

Em Chapecó, uma das praças de referência para o boi gordo, mais uma vez não se observou variação no preço médio em relação ao mês anterior. Contudo, na comparação com dezembro de 2016 há uma defasagem de 11,78%. Em Rio do Sul, por sua vez, pelo segundo mês consecutivo registra-se movimento de alta no preço do boi gordo. Dessa vez a variação foi de 0,71% em relação a novembro. Quando se compara a média preliminar de dezembro ao mesmo mês de 2016, ainda persiste uma defasagem de -6,25%.



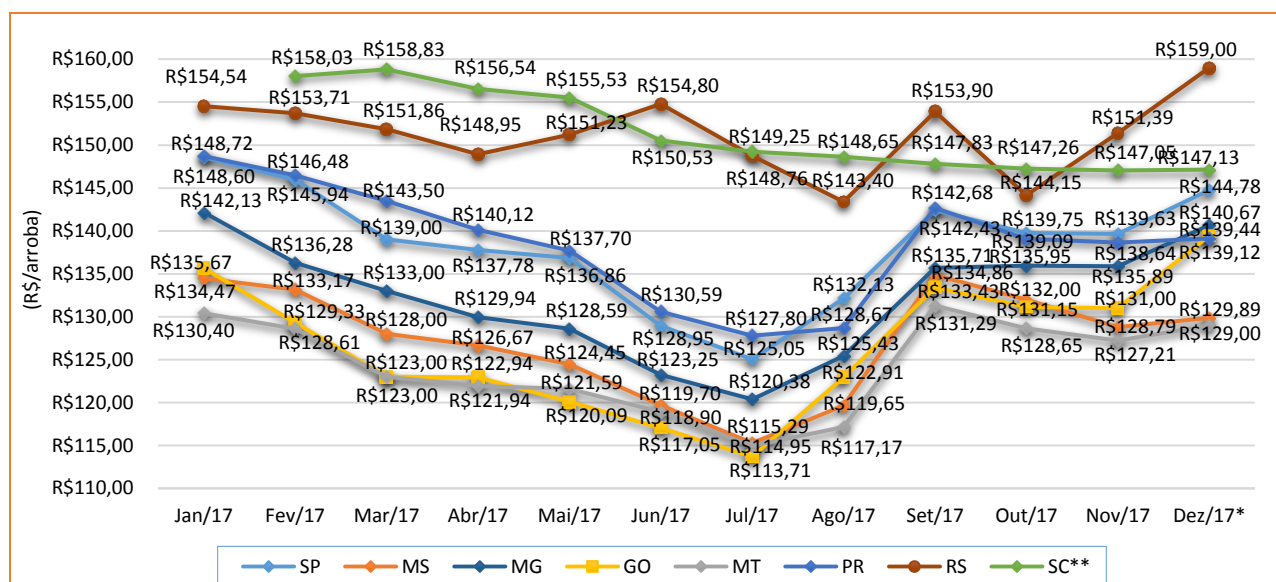
**Evolução do preço médio mensal do boi gordo<sup>(1)</sup> nas praças de Chapecó e Rio do Sul – 2016/2017**

Diferentemente do que aconteceu nos dois meses anteriores, dezembro inicia-se com movimento de alta nos preços do boi gordo em todos os oito estados analisados pela Epagri/Cepa para a elaboração do Boletim Agropecuário. Até o momento, a maior alta é registrada em Goiás, com variação de 6,45%. Em seguida estão Rio Grande do Sul (5,03%), São Paulo (3,69%), Minas Gerais (3,51%), Mato Grosso (1,41%), Mato Grosso do Sul (0,85%), Paraná (0,34%) e Santa Catarina (0,06%).

Esse comportamento dos preços é decorrente principalmente da baixa oferta de animais, embora possa também ser parcialmente associado a uma maior demanda por carne bovina nessa época do ano. O clima seco ou com chuvas irregulares na região Centro Oeste afeta as pastagens e ocasiona atrasos no desenvolvimento dos animais, o que contribui com uma menor oferta de bovinos prontos para o abate.

Apesar dessas variações positivas, quando se compara os preços atuais com aqueles praticados em

dezembro de 2016, verifica-se defasagens na maioria dos estados: -6,62% em Santa Catarina, -6,50% no Paraná, -4,14% em Mato Grosso do Sul, -3,22% no Mato Grosso, -3,11% em São Paulo, -2,31% em Minas Gerais e -1,30% em Goiás. O único estado que apresentou variação no período foi o Rio Grande do Sul, com aumento de 3,77%. A inflação acumulada nos últimos 12 meses, medida pelo INPC (IBGE), foi de 1,95%.



\* Os valores de dezembro são preliminares, relativos ao período de 1 a 13/dez./2017.

\*\* Tendo em vista a ausência de dados das praças de referência (Chapecó e Rio do Sul) para o mês de janeiro, optou-se por não utilizar o preço médio estadual de SC para esse período.

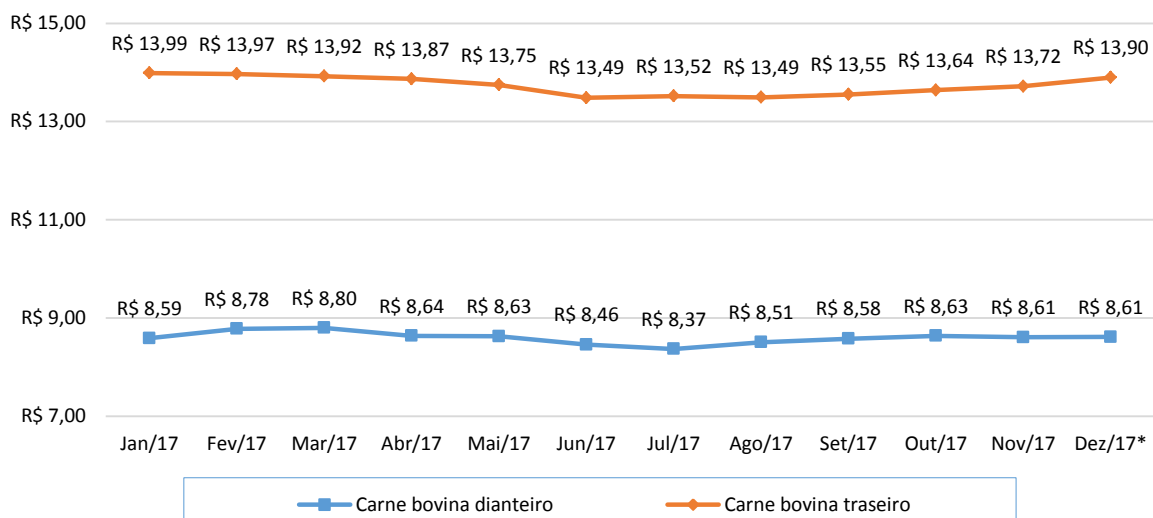
Fonte: Epagri/Cepa<sup>(1)</sup>; Cepea<sup>(2)</sup>; SEAB<sup>(3)</sup>; Nespro<sup>(4)</sup> (2017).

**Evolução dos preços da arroba de boi gordo em SC<sup>(1)</sup>, SP<sup>(2)</sup>, MG<sup>(2)</sup>, GO<sup>(2)</sup>, MT<sup>(2)</sup>, MS<sup>(2)</sup>, PR<sup>(3)</sup> e RS<sup>(4)</sup> – 2017**

Como já vinha sendo observados nos meses anteriores, na primeira quinzena de dezembro os preços de atacado da carne bovina em Santa Catarina mantiveram-se relativamente estáveis, de acordo com os dados levantados pela Epagri/Cepa.

A carne de traseiro aumentou 1,31% (preço médio preliminar de dezembro em relação ao mês anterior). Contudo, na comparação com o preço praticado em dezembro de 2016, verifica-se uma defasagem de 1,04%.

A carne de dianteiro, por sua vez, manteve-se praticamente inalterada em relação ao mês anterior (alta de 0,06%). Em relação a dezembro de 2016 a defasagem é de 2,72%.

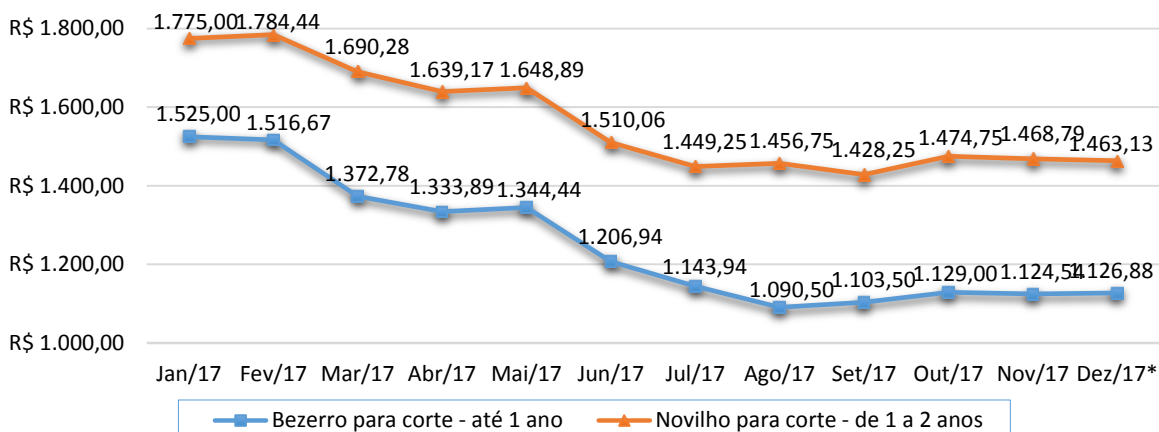


\* Os valores de dezembro são preliminares, relativos ao período de 1 a 13/dez. /2017.

Fonte: Epagri/Cepa.

#### Carne bovina – Atacado – Preço médio mensal estadual de dianteiro e traseiro em Santa Catarina – 2017

O mercado dos animais de reposição também segue estável, com pequenas oscilações nos preços das duas categorias acompanhadas. O preço dos bezerros de até 1 ano para corte aumentou 0,21% (média preliminar das duas primeiras semanas de dezembro) em relação ao mês anterior. Já o preço dos novilhos de 1 a 2 anos para corte caiu 0,39% no mesmo período.

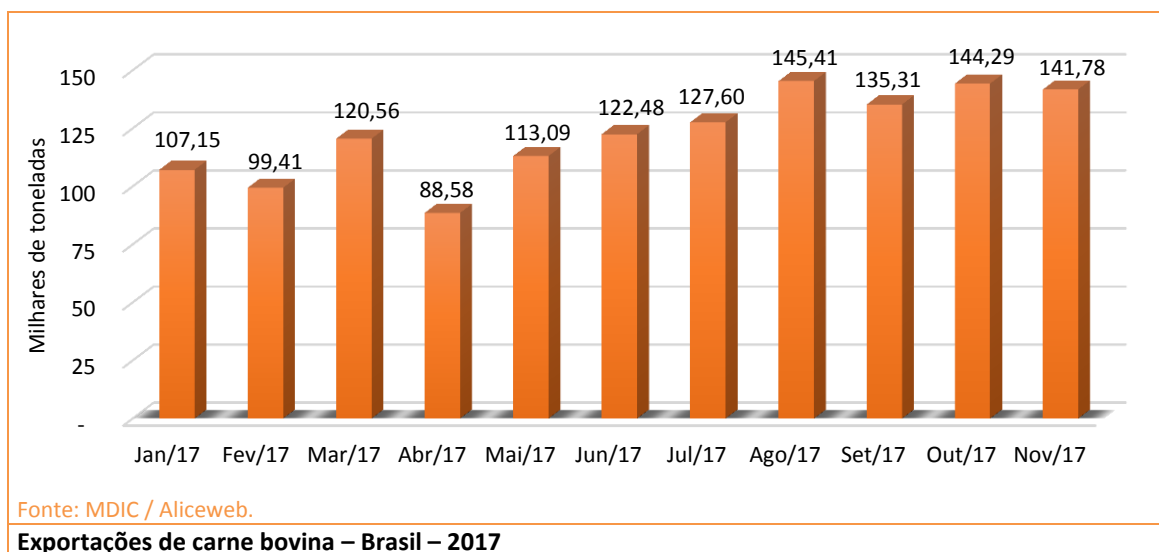


\* Os valores de dezembro são preliminares, relativos ao período de 1 a 13/dez./2017.

Fonte: Epagri/Cepa.

#### Evolução dos preços de bezerro e novilho para corte em SC – Preço médio estadual – 2017

Conforme dados do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC), em novembro o Brasil exportou 141,78 mil toneladas de carne bovina (*in natura*, industrializada e miudezas), queda de 1,74% em relação a outubro. Contudo, quando se faz a comparação com novembro de 2016, verifica-se um crescimento de 48,46%.



As receitas de novembro também foram menores do que no mês anterior: US\$592,92 milhões, queda de 1,37%. Por outro lado, comparando-se os resultados de novembro com o mesmo mês de 2016, verifica-se crescimento de 44,84%.

De janeiro a novembro foram exportadas 1,35 milhão de toneladas, 8,52% mais do que no mesmo período de 2016. Em termos de receitas, o acumulado do ano atingiu US\$5,52 bilhões, aumento de 12,61% em relação a 2016. Caso o atual ritmo das exportações de carne bovina se mantenha em dezembro, o volume total comercializado em 2017 poderá ultrapassar o crescimento de 10% estimado para este ano, conforme comunicado da Associação Brasileira de Frigoríficos (Abrafrigo).

Os cinco principais compradores de carne bovina brasileira em novembro foram Hong Kong, China, Irã, Rússia e Egito, que responderam por 68,52% das receitas. Hong Kong, principal destino, ampliou significativamente suas aquisições em novembro, quando comparado ao mesmo mês do ano anterior: 110,51% em valor e 110,23% em quantidade. A China continental também expandiu suas importações de carne bovina brasileira: aumento de 42,58% em valor e de 29,64% em quantidade, na comparação com novembro do ano passado.

| Principais destinos das exportações de carne bovina – Brasil – Novembro/2017 |                       |                |
|------------------------------------------------------------------------------|-----------------------|----------------|
| País                                                                         | Valor (US\$)          | Quantidade (t) |
| Hong Kong                                                                    | 146.650.357,00        | 38.062         |
| China                                                                        | 105.354.698,00        | 22.461         |
| Irã                                                                          | 56.472.636,00         | 12.984         |
| Rússia                                                                       | 49.453.495,00         | 15.169         |
| Egito                                                                        | 48.312.493,00         | 14.621         |
| Demais países                                                                | 186.673.982,00        | 38.481         |
| <b>Total</b>                                                                 | <b>592.917.661,00</b> | <b>141.778</b> |

Fonte: MDIC/Aliceweb.

Nas duas primeiras semanas de dezembro, a média diária de embarques de carne bovina *in natura* caiu em relação a novembro, apontam os dados do MDIC: -7,95% em valor e o mesmo percentual em quantidade. Contudo, quando comparados a dezembro de 2016, os resultados preliminares são positivos: aumento de 37,07% em valor e 34,81% em quantidade.

Cabe destacar que a recente suspensão de importações de carne bovina e suína imposta ao Brasil pelo órgão russo de vigilância sanitária (em decorrência da detecção da substância ractopamina em alguns carregamentos de carne) não deve afetar de forma significativa os resultados deste ano, já que os meses de novembro a fevereiro são caracterizados pela redução das importações da Rússia, em função do fechamento de alguns portos daquele país durante o inverno. Contudo, caso a suspensão persista após esse período, os efeitos deverão ser sentidos pelo setor, já que em 2017 a Rússia foi o 5º principal destino da carne bovina brasileira, respondendo por 8,52% do valor e 10,87% da quantidade exportada.

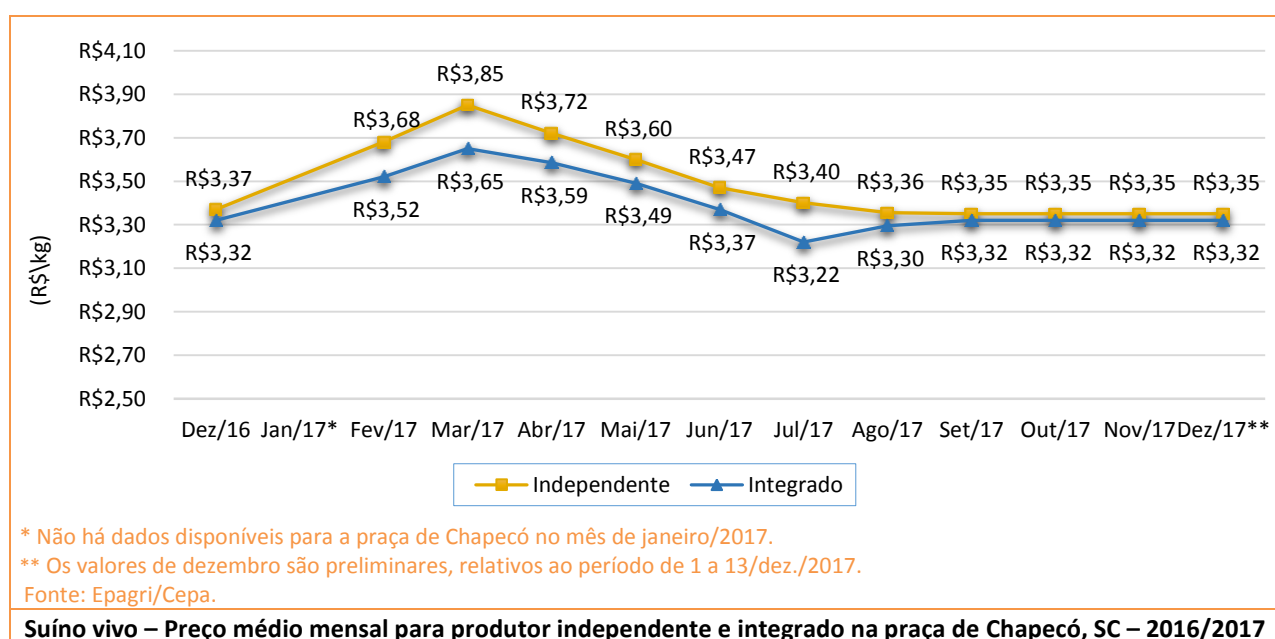
Ainda em relação ao mercado externo, além dos resultados positivos registrados até o momento em 2017, para o primeiro trimestre de 2018 há a expectativa de retomada das exportações para os Estados Unidos, interrompidas em junho deste ano devido a “preocupações recorrentes” com a segurança sanitária dos produtos destinados ao mercado americano, conforme informou na época o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA). Essa informação ainda não foi confirmada pelo governo brasileiro, estando por enquanto no campo das especulações.



## Suinocultura

Alexandre Luís Giehl  
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa  
[alexandre.giehl@epagri.sc.gov.br](mailto:alexandre.giehl@epagri.sc.gov.br)

De acordo com os resultados preliminares das duas primeiras semanas de dezembro, pelo quarto mês consecutivo os preços seguem estáveis em Chapecó, praça de referência do suíno vivo, tanto para os produtores integrados quanto para os independentes. No caso dos integrados, o preço atual é o mesmo daquele praticado em dezembro de 2016, enquanto para os independentes observa-se leve queda de 0,59%. Convém destacar que a inflação acumulada nos últimos 12 meses, medida pelo INPC (IBGE), foi de 1,95%.



**Suíno vivo – Preço médio mensal para produtor independente e integrado na praça de Chapecó, SC – 2016/2017**

Ao comparar os preços atuais com os praticados na praça de Chapecó antes da Operação Carne Fraca, percebe-se quedas significativas para as duas categorias de produtores, conforme já apontado nos boletins anteriores: -12,99% para os produtores independentes, -9,04% para os integrados e -11,07% na média.

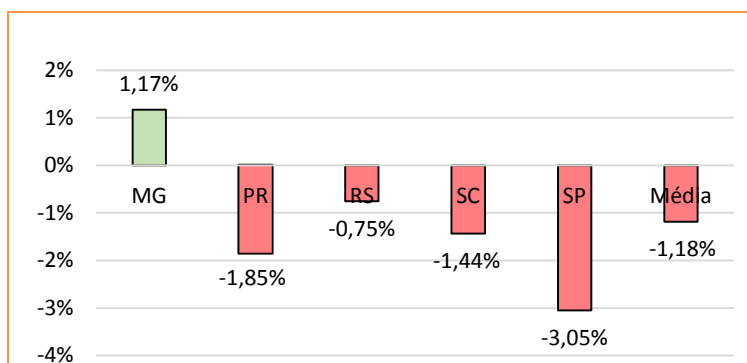
Se na praça de referência os preços permanecem inalterados há alguns meses, o mesmo não se observa em outras praças de coleta no estado, onde predomina o movimento de queda. Esse é o caso, por exemplo, de Joaçaba, outra importante região produtora de suínos. O quilo do suíno vivo, que em novembro era cotado a R\$3,60 (preço mais comum) para o produtor independente naquela praça, atingiu R\$3,20 no início da segunda semana de dezembro, queda de 11,11%.

Essa situação é resultante principalmente do anúncio de suspensão temporária das importações de carne suína brasileira por parte da Rússia. Tal medida, conforme noticiado pela imprensa, decorre da detecção de ractopamina (substância utilizada para melhorar a conversão alimentar dos animais) em alguns carregamentos de carne originários do Brasil. Inicialmente veiculou-se a notícia de que a suspensão se restringia a poucas unidades frigoríficas, mas posteriormente o órgão de vigilância sanitário russo anunciou que todas as plantas brasileiras autorizadas a exportar carnes suína e bovina para a Rússia apresentam *status* de “restrição temporária” a partir de 1º de dezembro. Alguns especialistas em mercado internacional afirmam que a medida do governo russo seria uma forma de proteger a cadeia produtiva daquele país, já que a carne brasileira estava chegando ao mercado russo bastante competitiva.

Já segundo diversos analistas do setor, a priori os efeitos da suspensão terão efeito limitado, já que nessa época do ano há uma natural redução dos embarques para a Rússia, em razão das restrições às operações portuárias causadas pelo inverno daquele país. Além disso, a maioria aposta que a suspensão não tenha longa duração, já que a Rússia ainda é bastante dependente das carnes brasileiras.

Contudo, logo após o anúncio a Associação Brasileira dos Criadores de Suínos (ABCS) expressou certa inquietação com o fechamento do mercado russo, já que o mesmo responde por aproximadamente 40% de todas as exportações brasileiras do produto. Se o bloqueio for mantido por um longo período, o preço do suíno vivo no mercado interno poderia ficar pressionado com a ampliação da oferta de animais e carcaças. Essa situação seria especialmente difícil nos primeiros meses do ano, quando tradicionalmente já há uma menor demanda por carne suína, destaca a ABCS. A Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA) também manifestou preocupação com a decisão russa, embora acredite "no pleno e rápido esclarecimento, retomando em breve os embarques".

Apesar das ressalvas anteriormente mencionadas, a suspensão das exportações para a Rússia afetou ainda mais um mercado que já vinha mostrando sinais de fragilidade ao longo do ano por conta da crise econômica que o país atravessa. Com isso, os preços preliminares de dezembro caíram novamente na maioria dos principais estados produtores.



Fonte: Cepea (MG, PR, RS e SP) e Epagri/Cepa (SC).

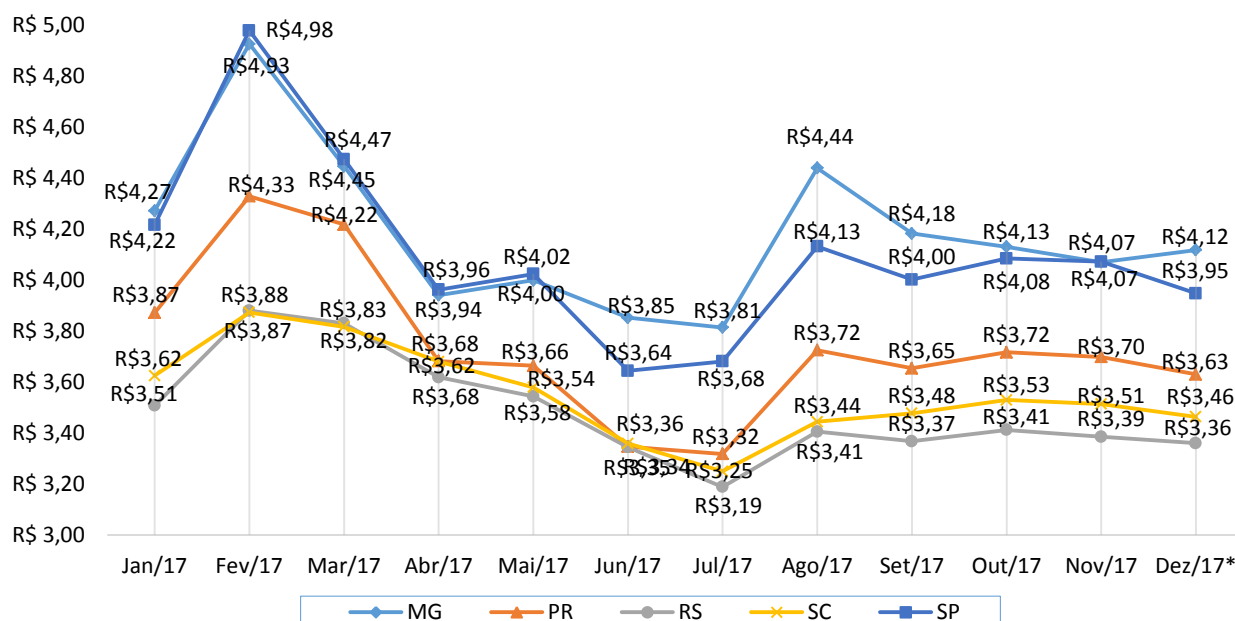
**Suíno vivo – Variação do preço pago ao produtor nos principais estados (nov./2017 – dez./2017 [preliminar])**

Novembro já havia sido um mês com resultados negativos nos cinco estados analisados. De acordo com os preços das duas primeiras semanas, em dezembro essa situação se repete em quatro dos cinco estados: -3,05% em São Paulo, -1,85% no Paraná, -1,44% em Santa Catarina (média estadual, incluindo integrados e independentes) e -0,75% no Rio Grande do Sul.

O único estado que até o momento registra variação positiva é Minas Gerais, com 1,17%. Ainda assim, os preços diários registrados nos três dias anteriores à data

de finalização deste Boletim demonstram pequenos recuos, o que pode indicar o início de um movimento de queda também naquele estado.

O gráfico a seguir apresenta a evolução nos preços pagos ao produtor durante 2017 nos estados mencionados anteriormente. É possível perceber a instabilidade que predominou no setor ao longo do ano.



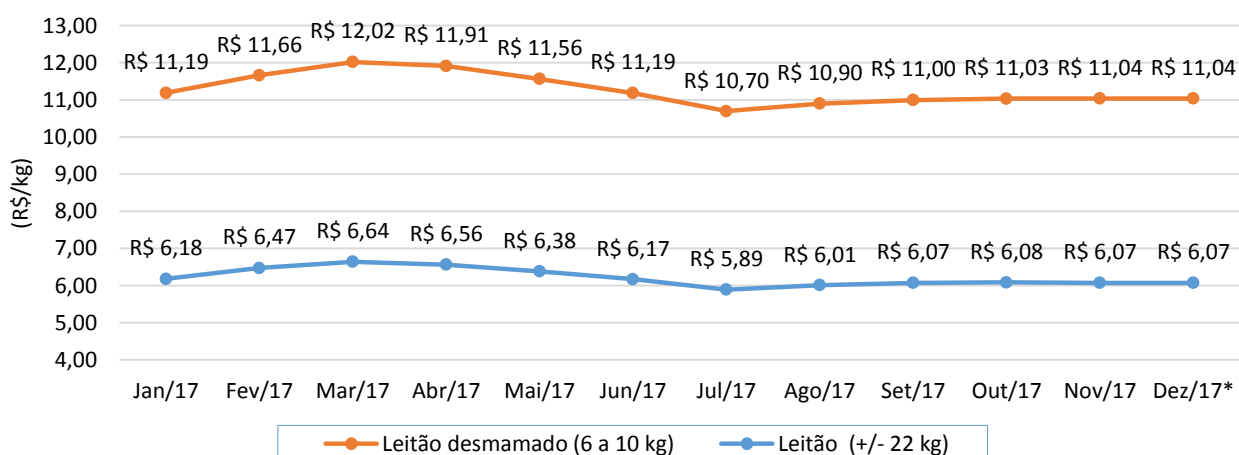
\* Os valores de dezembro são preliminares, relativos ao período de 1 a 13/dez./2017.

Fonte: Cepea (MG, PR, RS e SP) e Epagri/Cepa (SC).

#### Suíno vivo – Evolução do preço pago nos principais estados produtores (R\$/kg de suíno vivo) – 2017

Em relação a dezembro de 2016, os preços atuais apresentam-se significativamente defasados em quase todos os estados: -11,91% em São Paulo, -10,25% no Paraná, -10,20% em Minas Gerais e -7,24% no Rio Grande do Sul. Somente Santa Catarina registrou variação positiva nesse período (3,79%).

A instabilidade nos preços dos suínos vivos para abate não tem se refletido nos preços dos leitões, pelo menos até o momento. Segundo os dados preliminares de dezembro, não houve variação em nenhuma das categorias de leitões. Aliás, desde setembro o mercado tem se apresentado bastante estável, com poucas flutuações. Em relação aos preços praticados em dezembro de 2016, os valores atuais apresentam ligeira vantagem: aumento de 2,96% para os leitões de 6 a 10kg e de 2,30% para leitões com +/-22kg.



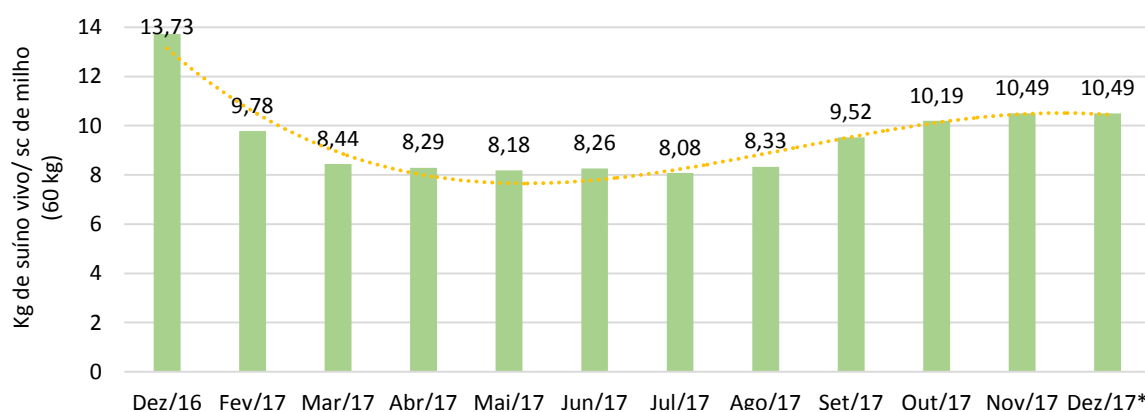
\* Os valores de dezembro são preliminares, relativos ao período de 1 a 13/dez./2017.

Fonte: Epagri/Cepa.

#### Leitão – Preço médio mensal do leitão por categoria em Santa Catarina – 2017

O Índice de Custos de Produção de Suínos (ICPSuíno), calculado pela Embrapa Suínos e Aves, apresentou alta de 2,05% em novembro, na comparação com o mês anterior. O fator que mais contribuiu para esse resultado foram os custos com nutrição, que subiram 1,71%. Essa é a quarta variação positiva do indicador neste ano. Contudo, no acumulado de 12 meses o ICPSuíno baixou 11,48%.

A relação de equivalência insumo/produto, índice calculado pela Epagri/Cepa a partir dos preços do suíno vivo e do milho no atacado, ambos referentes à praça de Chapecó, mantém-se inalterado em dezembro (valor preliminar) em relação ao mês anterior. Esse resultado é decorrente da manutenção dos preços dos dois itens utilizados no cálculo.



Para o cálculo da relação de equivalência insumo/produto, utiliza-se a média entre o preço para o produtor independente e produtor integrado do suíno vivo. No caso do milho, leva-se em consideração o preço de atacado do produto. Ambos os produtos têm como referência os preços da praça de Chapecó/SC. Não há dados disponíveis para o mês de janeiro.

\* Os valores de dezembro são preliminares, relativos ao período de 1 a 13/dez./2017.

Fonte: Epagri/Cepa.

**Quantidade necessária de suíno vivo para adquirir um saco de milho (60kg) – Praça de Chapecó, SC – 2016/2017**

Nos últimos meses vinham sendo registrados sucessivos aumentos no preço do milho, principalmente em função das projeções de que a safra atual será menor que a anterior. Recentemente a Conab divulgou o 3º Relatório de Acompanhamento da Safra Brasileira de Grãos 2017/18, que aponta perspectiva de redução na produção: -17,76% na 1ª safra, -0,31% na 2ª safra e -5,74% no total do ciclo. Apesar desse cenário não muito favorável, aparentemente os preços se estabilizaram.

Em Santa Catarina também são esperadas reduções significativas. Segundo a estimativas de novembro da Epagri/Cepa, a 1ª safra deve ser de 2,60 milhões de toneladas, queda de 17,38% em relação ao ano anterior.

No mercado atacado, dos cinco cortes suínos cujo preço é levantado pela Epagri/Cepa, três registraram altas nos preços preliminares de dezembro (média estadual) em relação a novembro: carré (0,19%), costela (0,33%) e pernil (1,88%). Nos demais se observou quedas: lombo (-0,25%) e carcaça (-2,07%).

**Carne suína – Preços médio estadual no atacado – Santa Catarina – 2017**

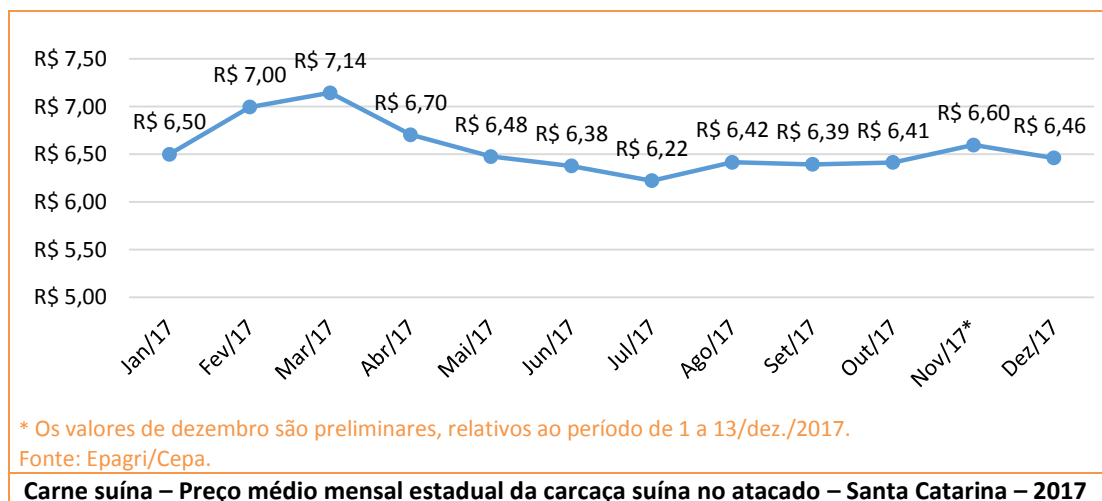
| Produto                       | Outubro/17 | Novembro/17 | Dezembro/17* |
|-------------------------------|------------|-------------|--------------|
| Carré (sem couro)             | R\$ 8,50   | R\$ 8,50    | R\$ 8,52     |
| Costela (sem couro)           | R\$ 12,43  | R\$ 12,35   | R\$ 12,39    |
| Lombo                         | R\$ 11,95  | R\$ 11,92   | R\$ 11,89    |
| Carcaça                       | R\$ 6,41   | R\$ 6,60    | R\$ 6,46     |
| Pernil (com osso e sem couro) | R\$ 7,36   | R\$ 7,38    | R\$ 7,52     |

\* Os valores de dezembro são preliminares, relativos ao período de 1 a 13/dez./2017.

Fonte: Epagri/Cepa.

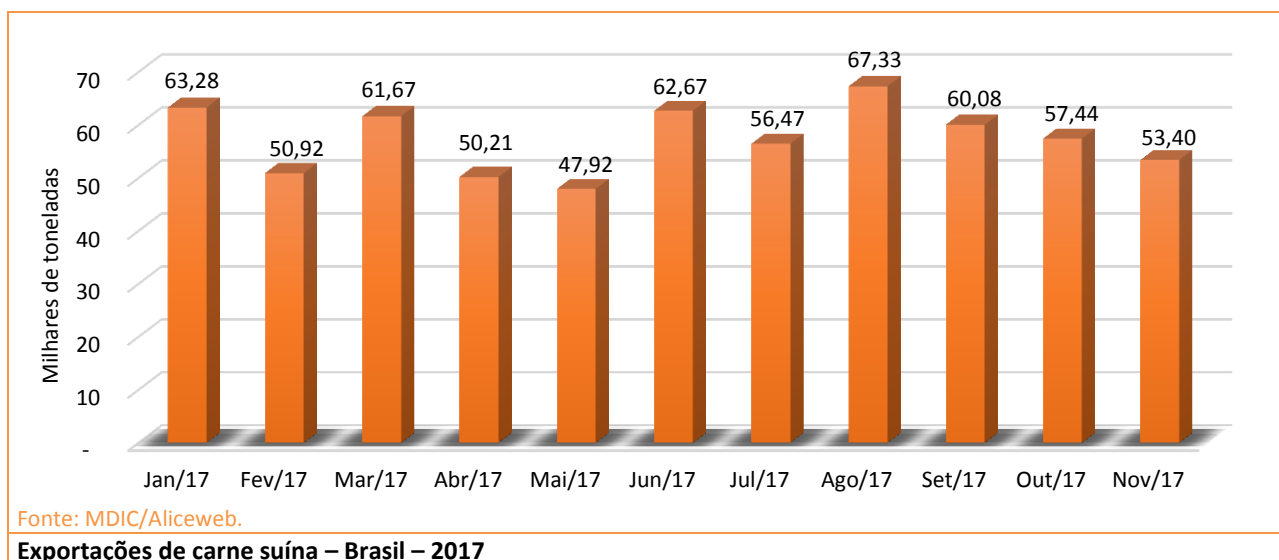
O mês de dezembro costuma ser um período de maior consumo de carne suína, em razão das festividades de final de ano, o que normalmente influencia nos preços desse produto. Contudo, a fragilidade da economia brasileira pode minimizar o impacto desse comportamento. Além disso, a suspensão das importações por parte da Rússia é outro fator que tende a afetar os preços, tanto ao produtor quanto ao consumidor. Se houver uma maior disponibilidade de carne no mercado interno, a tendência é de que os preços caiam.

O gráfico a seguir apresenta a evolução do preço médio estadual de atacado da carcaça suína durante o ano de 2017. Fica evidenciado que no segundo semestre predominou uma relativa estabilidade nos preços.



**Carne suína – Preço médio mensal estadual da carcaça suína no atacado – Santa Catarina – 2017**

Em novembro as exportações brasileiras de carne suína (*in natura*, industrializada e miúdos) tiveram novo resultado negativo, segundo os dados do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC). Foram exportadas 53,40 mil toneladas, queda de 7,04% em relação ao mês anterior. Na comparação com novembro de 2016 a variação é ainda mais significativa: -19,53%.



**Exportações de carne suína – Brasil – 2017**

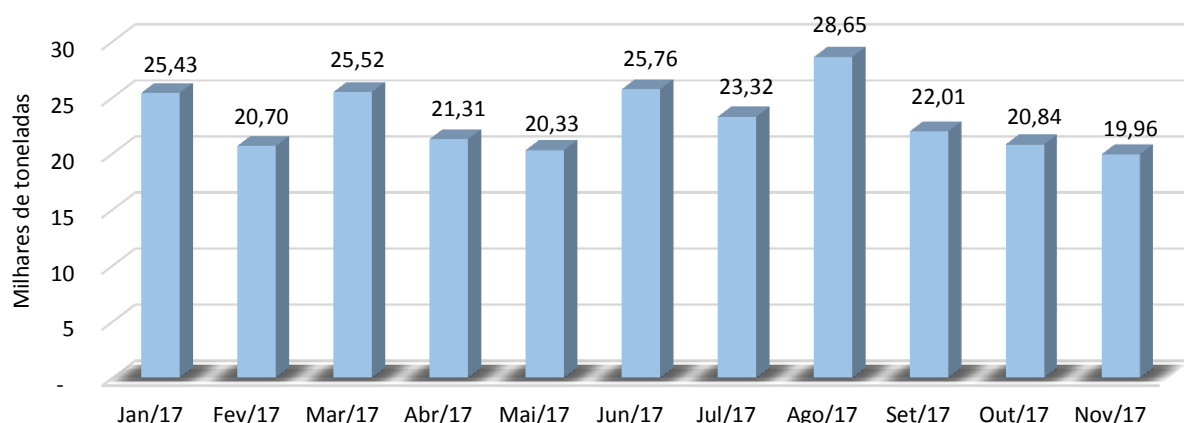
As receitas também apresentaram quedas em novembro. Foram exportados US\$124,14 milhões em carne suína, o que representa queda de 7,55% na comparação com o mês anterior e de 24,70% em relação a novembro de 2016.

No acumulado do ano, foram exportadas 631,39 mil toneladas de carne suína, queda de 5,78% em relação ao mesmo período de 2016. As receitas, por sua vez, somaram US\$1,50 bilhão, o que representa aumento de 9,81%.

Os principais destinos externos da carne suína brasileira no mês passado foram Rússia, Hong Kong, Argentina, Uruguai e China, que juntos responderam por 81,50% das receitas com esse produto. Embora a suspensão das importações de carne suína tenha começado a vigorar somente em 1º de dezembro, em novembro a Rússia já apresentou redução nas importações desse produto do Brasil: -19,85% em valor e -16,51% em quantidade, na comparação com novembro do ano anterior. Além disso, mais uma vez as exportações para a China registraram índices negativos expressivos: -61,14% em valor e -57,56% em quantidade, em comparação com o mesmo mês de 2016.

De acordo com o MDIC, nas duas primeiras semanas de dezembro a média diária de embarques de carne suína *in natura* caiu em relação a novembro: -3,89% em valor e -6,51% em quantidade. Quando comparados com dezembro de 2016, no entanto, os resultados preliminares são positivos: 19,85% em valor e 9,49% em quantidade.

Pelo terceiro mês consecutivo, as exportações catarinenses de carne suína caíram: em novembro foram embarcadas 19,96 mil toneladas, queda de 4,20% em relação a outubro. Já na comparação com novembro de 2016, a queda é mais expressiva: -26,86%.



Fonte: MDIC/Aliceweb.

#### Exportações de carne suína – Santa Catarina – 2017

As receitas também caíram em novembro: US\$43,54 milhões, queda de 5,44% em relação ao mês anterior. Quando se leva em consideração as receitas geradas com exportações de carne suína em novembro de 2016, a queda é de -35,12%.

Com o resultado dos últimos meses, no acumulado do ano as exportações catarinenses também passaram a registrar variação negativa em termos de quantidade. De janeiro a novembro foram exportadas 253,82 mil toneladas, queda de 0,24% em relação ao mesmo período do ano anterior. As receitas, contudo, ainda apresentam variação positiva: US\$590,04 milhões, aumento de 14,97% em relação a 2016.

Os principais destinos das exportações de carne suína catarinense em novembro foram Rússia, Hong Kong, China, Chile e Argentina, que responderam por 78,57% das receitas. Mais uma vez os dois principais importadores de carne suína do estado reduziram suas aquisições. Em relação a novembro de 2016, os embarques para a Rússia caíram 45,35% em valor e 41,32% em quantidade. Já as vendas para a China tiveram queda de 59,98% e 54,18% em valor e em quantidade, respectivamente.

**Principais destinos das exportações de carne suína – Santa Catarina – Novembro de 2017**

| País          | Valor (US\$)         | Quantidade (t) |
|---------------|----------------------|----------------|
| Rússia        | 14.908.992,00        | 6.116          |
| Hong Kong     | 6.831.274,00         | 3.290          |
| China         | 4.517.787,00         | 2.436          |
| Chile         | 4.464.169,00         | 1.880          |
| Argentina     | 3.487.059,00         | 1.178          |
| Demais países | 9.332.221,00         | 5.064          |
| <b>Total</b>  | <b>43.541.502,00</b> | <b>19.964</b>  |

Fonte: MDIC/Aliceweb.

Apesar das dificuldades nos meses recentes, uma notícia a ser comemorada pelos exportadores, em especial de Santa Catarina, é a reabertura do mercado filipino para as carnes brasileiras. As vendas de carnes para as Filipinas estavam embargadas desde setembro deste ano. Após uma missão técnica do governo filipino, houve mudança de posição. De janeiro a setembro deste ano o Brasil exportou 1,67 mil toneladas de carne suína para aquele país, em sua totalidade originária de Santa Catarina.



## Leite

Tabajara Marcondes  
Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa  
[tabajara@epagri.sc.gov.br](mailto:tabajara@epagri.sc.gov.br)

Os resultados das duas últimas reuniões do Conseleite/SC, realizadas nos dias 23/11 e 14/12, servem como bons indicativos da instabilidade mercadológica vivenciada por indústrias e produtores de leite nos meses mais recentes.

Na reunião do mês de novembro, o preço de referência para o leite padrão<sup>6</sup> foi projetado em R\$1,0046/l, que significava sensível aumento sobre o preço de outubro e ficava também acima dos R\$0,9993/l do mesmo mês de 2016, o que não ocorria desde maio. Na reunião de dezembro, não apenas não se confirmou esse valor como preço final de novembro como o preço projetado para dezembro (R\$/l) também ficou em patamar inferior àquele projetado para novembro.

**Leite padrão - Preços de referência do Conseleite de Santa Catarina - 2015-17**

| Mês          | R\$/litro na propriedade com Funrural<br>incluso |               |               | Var. %      |             |
|--------------|--------------------------------------------------|---------------|---------------|-------------|-------------|
|              | 2015                                             | 2016          | 2017          | 2016/15     | 2017/16     |
| Janeiro      | 0,7744                                           | 0,9546        | 1,0783        | 23,3        | 13,0        |
| Fevereiro    | 0,7866                                           | 1,0154        | 1,1096        | 29,1        | 9,3         |
| Março        | 0,8614                                           | 1,0652        | 1,1412        | 23,7        | 7,1         |
| Abril        | 0,8843                                           | 1,1166        | 1,1693        | 26,3        | 4,7         |
| Maio         | 0,8875                                           | 1,1430        | 1,1733        | 28,8        | 2,7         |
| Junho        | 0,9347                                           | 1,3363        | 1,1394        | 43,0        | -14,7       |
| Julho        | 0,9278                                           | 1,5500        | 1,0617        | 67,1        | -31,5       |
| Agosto       | 0,9131                                           | 1,3248        | 1,0189        | 45,1        | -23,1       |
| Setembro     | 0,8978                                           | 1,1051        | 0,9374        | 23,1        | -15,2       |
| Outubro      | 0,9024                                           | 1,0461        | 0,9550        | 15,9        | -8,7        |
| Novembro     | 0,9308                                           | 0,9993        | 0,9977        | 7,4         | -0,2        |
| Dezembro     | 0,9387                                           | 1,0333        | 0,9801        | 10,1        | -5,1        |
| <b>Média</b> | <b>0,8866</b>                                    | <b>1,1408</b> | <b>1,0784</b> | <b>28,7</b> | <b>-6,8</b> |

Dezembro/2017: valor projetado.

Fonte: Conseleite/SC

Não é muito complexo compreender essa inversão de tendência, em que o preço de referência sinaliza alta e em seguida não se sustenta no mesmo patamar. Primeiro é preciso lembrar que o preço de referência do Conseleite/SC é diretamente influenciado pelos preços que as indústrias participantes vendem os seus derivados ao mercado atacadista. Posto isso, e considerando que o preço projetado de novembro, o preço final de novembro e o preço projetado de dezembro tiveram por base, respectivamente, os preços dos derivados do início de novembro, de todo mês de novembro e do início de dezembro, fica claro que o início de novembro foi um período em que as indústrias tentaram melhorar os seus preços de venda, mas que isso foi parcialmente revertido posteriormente.

<sup>6</sup> O leite padrão é aquele que contém entre 3,51 e 3,60% de gordura, entre 3,11 e 3,15% de proteína, entre 8,61 e 8,70% de sólidos não gordurosos, entre 451 e 500 mil células somáticas/ml e 251 a 300 mil ufc/ml de contagem bacteriana.

Embora essa dificuldade de recuperar os preços dos lácteos seja quase generalizada, no caso de Santa Catarina tem sido especialmente problemático o baixo preço de comercialização do leite UHT, que, mesmo com as indústrias tentando reduzir a sua participação no mix da produção industrial, persiste com elevada participação e influência na formação do preço de referência e nos valores efetivamente pagos aos produtores.

Ainda que essa redução dos preços dos lácteos e dos preços aos produtores esteja relacionada ao crescimento da produção nacional, vai ficando cada vez mais evidente que a demanda de lácteos já foi bem melhor que atualmente, o que parece se estender para o mercado de alimentos em geral. Um indicativo geral disso é o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), calculado mensalmente pelo IBGE, que dá uma boa noção do comportamento do consumo e dos preços pagos por produtos e serviços por boa parte das famílias brasileiras. O IPCA indica que os preços dos alimentos decresceram por sete meses consecutivos (maio a novembro de 2017) e a variação acumulada de janeiro a novembro de 2017 é de -2,40%, sendo apontada como a principal razão para que a taxa de inflação de 2017 tenda a ficar bem abaixo da meta de 4,5% fixada pelo Banco Central.

No que diz respeito especificamente à oferta interna de leite para as indústrias, embora haja indicativos de que a expressiva queda de preços aos produtores dos últimos meses esteja influenciando para que não alcance os níveis esperados em melhores condições de mercado e de que o seu pico máximo pode ter atingido no mês de setembro<sup>7</sup>, não é improvável que ainda esteja em patamares superiores ao do mesmo período do ano passado.

Tomando por base o ICAP-L/Cepea Brasil, as maiores captações de leite da série histórica ocorreram em setembro/17, outubro/17 e agosto/17, respectivamente. Ou seja, mesmo que tenha decrescido em novembro e dezembro, a oferta parece estar em patamar muito elevado para o atual nível de demanda, agora influenciado também pela chegada das férias, quando, segundo as indústrias, as vendas de lácteos são menores ou mais incertas.

**Índice de Captação de Leite Cepea Brasil<sup>8</sup> - 2016-17**

| Mês                | Índice          |                 | Variação % |
|--------------------|-----------------|-----------------|------------|
|                    | 2016            | 2017            | 2016-17    |
| Janeiro            | 185,67          | 181,58          | -2,2       |
| Fevereiro          | 177,17          | 176,00          | -0,7       |
| Março              | 164,15          | 170,66          | 4,0        |
| Abril              | 158,59          | 168,79          | 6,4        |
| Maio               | 156,01          | 170,07          | 9,0        |
| Junho              | 158,23          | 181,65          | 14,8       |
| Julho              | 166,19          | 189,67          | 14,1       |
| Agosto             | 176,49          | 199,01          | 12,8       |
| Setembro           | 187,50          | 207,18          | 10,5       |
| Outubro            | 187,65          | 203,53          | 8,5        |
| <b>Jan. a out.</b> | <b>1.717,65</b> | <b>1.848,14</b> | <b>7,6</b> |
| Novembro           | 188,73          |                 |            |
| Dezembro           | 188,54          |                 |            |

Fonte: CEPEA (Base 100 = junho/2004)

<sup>7</sup> Segundo a Pesquisa Trimestral do Leite/IBGE, em seis dos últimos dez anos (2007 a 2016) foi no mês de dezembro que as indústrias brasileiras inspecionadas receberam a maior quantidade de leite do ano.

<sup>8</sup> Esse índice é baseado em amostragem e objetiva registrar as variações nos volumes diários captados no RS, PR, SP, MG, GO, BA e SC. A média nacional é calculada conforme o peso mensal de cada estado quanto ao volume produzido, conforme informações do IBGE. Segundo a Pesquisa Trimestral do Leite/IBGE, esses estados representam cerca de 85% da quantidade de leite cru recebido pelas indústrias inspecionadas do Brasil.

Com isso, o ano de 2017 fica marcado por dois semestres completamente distintos para o setor leiteiro brasileiro e catarinense. O primeiro favorável e o segundo de dificuldades e desafios. Isso deve impactar negativamente sobre a produção leiteira brasileira de 2018 e acentuar mudanças estruturais já observadas no setor, como: concentração industrial (compras, fusões, fechamento, parcerias, terceirização, etc.), mudanças nos sistemas de produção de leite, distribuição da produção nacional, redução do número de produtores, entre outras.